

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CCSH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MUSEU TREZE DE MAIO: ESPAÇO DE MEMÓRIA E
IDENTIDADE NEGRA EM SANTA MARIA/RS**

Dissertação de Mestrado

Lucinéia Inês Weber

Santa Maria, RS, 2014.

MUSEU TREZE DE MAIO: ESPAÇO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA EM SANTA MARIA/RS

Por

Lucinéia Inês Weber

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Identidades Sociais, Etnicidade, Educação, Mídia e Consumo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Maria Catarina Chitolina Zanini

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

Weber, Lucinéia Inês

Museu Treze de Maio: Espaço de Memória e Identidade
Negra em Santa Maria/RS / Lucinéia Inês Weber.-2014.
107 p.; 30cm

Orientadora: Maria Catarina Chitolina Zanini
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2014

1. Memória 2. Identidade 3. Sociabilidade 4. Museu I.
Chitolina Zanini, Maria Catarina II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**MUSEU TREZE DE MAIO: ESPAÇO DE MEMÓRIA E
IDENTIDADE NEGRA EM SANTA MARIA/RS**

elaborada por
Lucinéia Inês Weber

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maria Catarina Chitolina Zanini Dra.
(Presidente/Orientador)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)

Maria Clara Mocellin, Dra. (UFSM)

Ceres Karam Brum, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 26 de maio de 2014.

Dedico este trabalho aos frequentadores do Museu Treze de Maio; a meus pais, Rui e Teresinha; a minha irmã, Neide; a meu companheiro, Marcos, e a minha orientadora, Maria Catarina Chitolina Zanini.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram nesta longa caminhada; principalmente à minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Essa gratidão se estende também à minha prima Francieli, que me recebeu com muito carinho, na minha chegada a Santa Maria, em 2007; e à Cadidja, minha companheira de moradia na casa do estudante, durante quase quatro anos.

Agradeço às meninas e aos meninos do Necon, Simone, Claudia, Daiane, Francine, Cristiano, Juliana, Trícia, Natana, Rúbia, Juliano, Silvana, Patrícia, Fabiane, Jamile e Daniele, pela convivência, pelo aprendizado e, principalmente, pela amizade.

Aos amigos Tássia, Vinicius e Fabrício, que sempre fizeram parte da jornada e tornaram minha estadia em Santa Maria muito mais feliz, quero dizer “obrigada”.

Aos meus professores, pelo aprendizado e pela paciência, durante os seis anos de convivência nos corredores e salas de aula do prédio 74, bem como à secretária Jane e ao secretário João, pelo carinho e pelas conversas que sempre alegraram o meu dia, deixo meus sinceros agradecimentos.

Não poderia me esquecer de agradecer também àqueles que compartilharam comigo esses dois anos de mestrado, queridos e queridas colegas, que hoje tenho como grandes amigos: à Priscila, que me deu abrigo; à Eveline, minha companheira de viagens; à Morgana, pelas inúmeras caronas durante esses dois anos; à Danielle, por compartilhar as primeiras experiências de docência; à Gabriela, pelas conversas sempre descontraídas; ao Diego, à Evelin, à Cristiane, à Bruna, à Claudia, ao Alcir, ao Antero, ao Airan e ao Marco, por tornarem esse período de estudo e pesquisa tão proveitoso.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio dos frequentadores, dinamizadores e diretores do Museu Treze de Maio. Por isso, agradeço a todos pela acolhida e pelo carinho, especialmente àqueles que foram meus informantes de pesquisa. Agradeço a Marta, Letícia, Eráclito, Franciele, Luciele, Geanine, João Heitor, Alexon, Nei, Ricardo, Bia, Augusto, Karen, Aline, Najla, Nayra e Luis. Espero que esta pesquisa esteja à altura do trabalho que vocês desempenham.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por tornar possível a vontade de realizar este estudo; à CAPES, pelo financiamento da pesquisa, que foi essencial para sua execução; e também à banca, por ter aceitado o convite e tornar esse momento ainda mais especial.

Agradeço aos amigos do GT Negros, cuja convivência me tornou uma pessoa mais crítica e atenta à realidade.

Para concluir, gostaria de agradecer a três pessoas que foram as grandes responsáveis por este trabalho, mulheres guerreiras, batalhadoras, cujo exemplo servirá eternamente: minha querida orientadora Maria Catarina Chitolina Zanini, por tudo, pois não há palavras que descrevam meu carinho e admiração; minha querida Maria Rita Py Dutra, minha amiga, meu exemplo e minha companheira de todas as horas; Giane Vargas Escobar, que me recebeu no Museu e sempre me apoiou, dando força e incentivando a seguir neste estudo, tornado esta pesquisa e o trabalho de campo possíveis.

Epígrafe

Consciência Negra

*Muito prazer
Eu sou negra!
Você pode não ver
Mas eu sou negra!
E se você não se conhece
Vim para lhe dizer:
- Você também é negro!
Mesmo sem perceber
Ou ignorando nossa história
Somos todos negros!*

*Somos negros, cor de terra, cor de cuia
Pardos, mulatos, azulados, clareados
Branços, amarelados, desbotados, bronzeados
Somos todas as misturas dos tons da nossa gente!*

*Com olhos grandes, puxados ou arregalados
Olhos castanhos, pretos, verdes, azuis
Com todas as cores brilhantes no olhar
Somos negros de olhos fechados!*

*O nariz achatado, largo ou pequeno
Fino, batatudo, torto ou arrebitado
Somos negros respirando o mesmo ar!*

*Nossas bocas pequenas ou carnudas
Com lábios escuros, rosados, salientes ou tanto faz
Somos negros na fala, nos beijos, nos gritos e nas lutas!*

*Nossos cabelos escuros, loiros, claros ou grisalhos
Finos, raspados, discretos ou volumosos
Mudam de cor, de tom e de moldura
Cabelos duros, lisos ou alisados, crespos ou encaracolados
Somos negros na raiz e na beleza de todos os cabelos!*

*Nas religiões, nas culturas, nas músicas
Nas roupas, nos trabalhos, nas crenças
No gingado dos pés e na palma das mãos
Por escolha, pela história, no sangue ou no sobrenome
Nossa imagem, camaleoa, nem sempre é preta, nem sempre é branca
O essencial não é a cor que nossa superfície expressa
Mas sim a consciência de que nossa história é **NEGRA!***

Maura Oliveira

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

MUSEU TREZE DE MAIO: ESPAÇO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA EM SANTA MARIA/RS

AUTORA: LUCINÉIA INÊS WEBER
ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 26 de maio de 2014.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa antropológica que objetivou estudar o Museu Treze de Maio, um Museu de caráter comunitário, criado no ano de 2001, na cidade de Santa Maria/RS, como uma tentativa de “salvar e guardar” o patrimônio da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, um Clube Social Negro, fundado por ferroviários negros da cidade, no ano de 1903. Por meio de pesquisa etnográfica e documental, se procurou conhecer e analisar parte da trajetória deste clube. O que a pesquisa nos apontou é que o processo de conversão do “Clube” em Museu desempenhou um papel muito importante nas reflexões e visibilizações acerca da identidade negra na cidade.

Palavras-chave: Museu, Memória, Identidade.

ABSTRACT

Mastership Dissertation
Graduate Program in Social Sciences
Federal University of Santa Maria

THIRTEEN MAY MUSEUM: SPACE OF BLACK MEMORY AND IDENTITY IN SANTA MARIA/RS

AUTHOR: LUCINÉIA INÊS WEBER

GUIDANCE: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Date and location of the defense: Santa Maria, May 26, 2014.

This work is the result of an anthropological research that studies the Thirteen May Museum, a Museum of community character that was created in 2001 in the town of Santa Maria/RS as an attempt to save and keep the heritage of the former Thirteen May Railway Historical Society, a Negro Social Club created by black railwayman in 1903. Through ethnographic and documentary research has sought to understand and analyze the trajectory of this club. What the survey found is that in the process of converting the "Club" in Museum played a very important role in the reflections and visibilities about black identity in the city.

Keywords: Museum, Memory, Identity.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	11
1. UMA ETNÓGRAFA NO “TREZE”	17
1.1 Percursos, reconhecimentos e contatos iniciais com o campo.....	15
1.2 O fazer etnográfico.....	25
1.3 O trabalho na ferrovia: desdobramentos e influências na cidade de Santa Maria/RS.....	33
2. TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO: DE CLUBE SOCIAL NEGRO A MUSEU.....	39
2.1 Apontamentos sobre a criação de um Clube Social Negro na cidade.....	39
2.2 Revitalizando o espaço: a criação do Museu Treze de Maio.....	52
3. PERSONAGENS, PALCOS, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES:elos de uma história que “se faz, fazendo”	69
3.1 O “Treze” e seus personagens: os protagonistas do palco.....	69
3.1 O “Treze” e a memória.....	79
3.3 V Roda de Lembranças: compartilhando e valorizando memórias da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
ANEXO.....	105

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de um estudo do Museu Treze de Maio, um museu localizado em Santa Maria, cidade da região central do estado do Rio Grande do Sul. O estudo foi realizado entre os anos de 2012 e 2013, motivado, principalmente, pelo interesse em estudar o Museu, seus desdobramentos e influências na vida das pessoas que o frequentam. A questão norteadora deste trabalho busca compreender se o Museu Treze de Maio tem sido um agente mobilizador dos processos de identificação étnica e da construção de uma memória negra na cidade de Santa Maria/RS.

O trabalho dá enfoque ao Museu Treze de Maio, suas representações passadas e atuais, no que diz respeito ao processo de construção de uma memória negra na cidade de Santa Maria e às identificações nele vivenciadas. Trata-se de um espaço que anteriormente abrigava um clube social, o “Clube Treze de Maio”, que teve suas atividades encerradas no início da década de 90 do século passado. A pesquisa foi realizada, especialmente, na sede do Museu, que está localizado na Rua Silva Jardim, 1407, na cidade de Santa Maria/RS. Além do espaço físico do Museu, frequentei locais comuns aos meus colaboradores de pesquisa, com o intuito de manter um maior contato com eles e, conseqüentemente, agregar mais conhecimento para desenvolver o presente trabalho.

Justifico a escolha deste tema em virtude da importância do estudo das relações entre diferentes grupos étnicos¹ e também da busca por uma melhor compreensão do papel desempenhado pelo “Museu Treze de Maio” para a população negra local. Percebo seu valor não somente do ponto de vista material, mas principalmente imaterial, no que diz respeito à memória de um grupo de pessoas negras, que frequentaram aquele espaço enquanto clube negro, o qual, hoje, ressignificado, tem contribuído para a reflexão acerca da identidade negra, ao ser um espaço de sociabilidade que esse grupo possui, na cidade.

¹ Por grupo étnico, compreendo, conforme Barth (2000), aquelas coletividades que se percebem e são percebidas como distintas, acionando suas diferenças por meio de sinais diacríticos específicos nos processos interativos. Salienta-se, também, que são, conforme aponta Weber (1994), grupos que possuem a crença numa origem comum. Minha opção por tratar essa coletividade como grupo étnico advém da análise dos processos interativos e da dinâmica de reivindicação de uma identidade negra local.

Compreendo por sociabilidade a capacidade que os indivíduos têm de viver em sociedade, de modo que, ao entrar em contato com outras pessoas, desenvolvem relações, sejam elas familiares, de amizade, profissionais, etc. Para Simmel (1983), a sociabilidade é uma forma de sociação lúdica. O Museu é um espaço de partilha e troca, em que as memórias (Halbwachs, 1990)² transitam e circulam, tornando-se, assim, significativas para as gerações mais novas.

O trabalho de campo etnográfico para a realização da pesquisa teve início no ano de 2012, mas meu contato com meu objeto de estudo foi anterior, pois frequenteo o Museu Treze de Maio desde o ano de 2009, quando ainda cursava a graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Dessa etapa inicial, teve origem o meu trabalho final de graduação, realizado no ano de 2011, que se intitula “Memórias de um Clube Social Negro: Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio”, no qual busquei discorrer acerca do antigo “Clube Social Negro”, abordando aspectos sobre sua criação e importância para os negros da cidade. Na presente pesquisa, busco dar continuidade ao trabalho desenvolvido, agora em um curso de pós-graduação, visando maior aprofundamento de determinadas questões que haviam permanecido latentes desde minha pesquisa inicial.

Antes da criação do Museu Treze de Maio, que ocorreu no ano de 2001, o espaço do Museu abrigou um clube social negro, a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, criada por ferroviários negros em 1903, motivados, principalmente, pelo fato de não terem acesso aos clubes sociais da época, todos eles destinados às pessoas brancas, e por almejarem ter para si e suas famílias um lugar de lazer e sociabilidade. Após um período de declínio, o “Clube” teve a decadência definitiva, com término de suas atividades ao longo da década de 90 do século passado, sendo este o principal motivo da revitalização do espaço e da sua transformação em museu de caráter comunitário, o Museu Treze de Maio, em 2001. Por museu comunitário, entendo um espaço construído coletivamente, no qual a comunidade e o grupo de agentes envolvidos no processo têm autonomia para atuar e contribuir, vindo, assim, a criar um espaço de memória, como é caso do Museu Treze de Maio.

² Por memória compreendo, conforme Halbwachs (1990), a construção sobre o passado que é efetuada no presente.

Durante o trabalho de campo, participei de grupos de estudos sobre etnografia em arquivos, selecionei documentos, transcrevi atas, realizei pesquisas no arquivo histórico, buscando informações sobre a maneira como os ferroviários negros eram retratados na imprensa local, escrevi meus diários de campo, frequentei lugares comuns aos meus informantes. A realização dessas atividades objetivou tornar possível este trabalho, bem como compreender o contexto em que foi criado o “Clube Social”, as motivações de sua revitalização e o surgimento do Museu Treze de Maio.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, busco discorrer acerca da metodologia de pesquisa, mais especificamente, sobre a etnografia, a entrada em campo e a maneira como realizei a pesquisa. Para finalizar o capítulo, faço uma discussão sobre a atividade ferroviária na cidade de Santa Maria, suas repercussões e o contexto em que se criou um clube social negro.

No segundo capítulo, abordo o “Clube Social Negro”, as motivações para sua criação e aspectos considerados importantes no que tange às atividades desenvolvidas nesse Clube, para, posteriormente, chegar à criação do Museu Treze de Maio. Discorro acerca da maneira de como se deu esse processo de revitalização e transformação em um museu de caráter comunitário. Finalizando o capítulo, busco compreender o que é um museu e quais são as especificidades do Museu Treze de Maio.

No terceiro e último capítulo, focalizo o Museu Treze de Maio, ressaltando, especialmente, a questão da memória e da identidade, que são propostas centrais a serem desenvolvidas neste trabalho. É nesse capítulo que entram as contribuições das entrevistas realizadas com os informantes, que são consideradas indispensáveis para que esta pesquisa fosse possível.

Essa estrutura foi pensada em uma tentativa de dar conta dos principais objetivos deste trabalho, por isso, senti a necessidade de dissertar sobre a cidade de Santa Maria, sobre a atividade ferroviária na cidade, a qual muito contribuiu para a criação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, bem como de escrever sobre o surgimento deste “Clube Social Negro”, para, posteriormente, abordar o Museu Treze de Maio.

Buscando, ainda, uma melhor compreensão e contribuição para a etapa de análise dos dados obtidos no decorrer da pesquisa, optei por realizar entrevistas

qualitativas, com dez frequentadores do Museu. Essas entrevistas tiveram como finalidade me ajudar a conseguir maior profundidade no que diz respeito ao estudo do Museu Treze de Maio.

Em suma, esta dissertação objetiva, mesmo que de forma parcial, salientar a complexidade da dinâmica dos processos de identificação em nível situacional. Trata-se, com certeza, de um olhar possível e particular sobre as experiências ali desdobradas.

1- UMA ETNÓGRAFA NO “TREZE”.

Neste primeiro capítulo, disserto inicialmente acerca do percurso pessoal que motivou a escolha do objeto de estudo: escrevo sobre meus primeiros contatos com o campo e sobre a maneira como se deu minha inserção entre os membros do “Treze”. A seguir, disserto sobre o fazer etnográfico, sobre a metodologia de trabalho, a forma como estou realizando esta etnografia e os desafios enfrentados para que fosse possível sua execução. Na parte final do capítulo, abordo questões que remetem ao contexto histórico da cidade de Santa Maria, no que tange ao período em que a atividade ferroviária estava no auge e aos desdobramentos disso na vida de seus funcionários, para, assim, posteriormente, já no segundo capítulo, iniciar discorrendo sobre a criação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

1.1 – PERCURSOS, RECONHECIMENTO E CONTATOS INICIAIS COM O CAMPO.

Antes de escrever sobre meu contato inicial com o campo de pesquisa, gostaria de explanar sobre minha origem, pois, considero que ela está relacionada, ainda que subjetivamente, ao motivo da escolha do tema de pesquisa que busco desenvolver ao longo deste trabalho.

Nasci no ano de 1985, na cidade de Boa Vista do Buricá, região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, em uma localidade do interior do município, chamada São Miguel do Reúno, hoje pertencente ao município de Nova Candelária. Nova Candelária é uma cidade pequena, possui menos de três mil habitantes, sua economia gira em torno de atividades como a criação de gado de leite, de trabalhos em uma gráfica que possui cerca de 200 funcionários e, principalmente, da suinocultura. Nova Candelária foi considerada por vários anos “Capital per capita da Suinocultura”. Meus pais residem até hoje no local em que nasci.

A região noroeste do estado do Rio Grande do Sul tem em sua população grande número de descendentes de imigrantes, e Nova Candelária possui aproximadamente 700 famílias, compostas, na sua quase totalidade, de descendentes de imigrantes alemães. Durante meus primeiros anos de vida, aprendi

a falar o dialeto alemão Hunsrückisch, pois meus pais não falavam de outra forma comigo; meus amigos, vizinhos e avós também não. Minha avó materna, falecida em 2008, apesar de viver até seus 83 anos, sabia pronunciar apenas poucas palavras da língua portuguesa. Recordo-me que, quando iniciei meus estudos na primeira série do ensino fundamental, tive grande dificuldade de compreender as falas da professora, pois até meus sete anos, só havia aprendido a falar o dialeto alemão Hunsrückisch.

Meus pais são de origem humilde. Durante minha infância e adolescência meu pai trabalhava fora, e eu, minha irmã e minha mãe cuidávamos dos afazeres de casa e também dos de fora, pois, como meu pai dirigia um caminhão de leite por muitas horas durante o dia e a madrugada (tarefa desempenhada por mais de 30 anos), ficavam destinadas a nós as demais tarefas diárias da propriedade. Como eles eram agricultores, o que chamo de “tarefas de casa e de fora” envolviam desde cozinhar e limpar a casa até tirar leite das vacas, cortar pasto e levá-las para a pastagem, conciliando sempre essas atividades com o período destinado ao estudo.

Destaquei esses aspectos, pois, hoje em dia, me recordo deles com saudade e com a certeza de que foram importantes para a minha formação pessoal. Procuro manter alguns costumes, seja o dialeto, a culinária ou a forma de desempenhar as atividades por considerar que foi essa a origem que me tornou a pessoa que sou hoje. Não esquecerei jamais do empenho que meus pais tiveram para proporcionar a mim e a minha irmã a possibilidade de continuar estudando, colocando o desejo dessa continuidade sempre em primeiro plano, mesmo que, para que isso fosse possível, tivéssemos que levar nossos cadernos para a roça enquanto cuidávamos das vacas, para que não invadissem a pastagem do vizinho e pudéssemos ficar estudando.

Alguns anos mais tarde, após concluir o ensino médio, passei no vestibular para cursar História na UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no campus de Marechal Cândido Rondon e fui para lá. Após o primeiro ano de curso, a saudade de casa e da família bateu forte e decidi, então, pedir transferência para a UFSM. A princípio, tentei ingressar no curso de História, mas este não abriu vagas para transferência. Optei, por isso, pelo curso de Ciências Sociais, no qual acabei ingressando no ano de 2008 e concluindo no ano de 2011.

Esse histórico é importante, pois ao longo de minha vida tive pouquíssimo contato com museus, principalmente por vir de uma cidade pequena, na qual não havia museus. Acredito que isso tenha contribuído para aguçar meu interesse em estudar um, não somente por ser algo desconhecido para mim, mas, também, por se tratar, no caso do Museu Treze de Maio, de um espaço criado por negros e também para os negros. Seguidamente refletia sobre quão importante essa conquista deve ter sido para eles, levando em conta as transformações ocorridas desde a criação do “Clube” (1903) até a sua revitalização e transformação no Museu Treze de Maio (2001).

Ao tentar “puxar” minhas lembranças sobre o que pode ter motivado, ou ainda, despertado meu interesse em estudar esse tema, recordo-me que uma grande inspiração, com certeza, foram as aulas ministradas pelo Professor Petrônio Domingues, no ano de 2006, que me fizeram, desde então, estudar e ler mais sobre a questão racial no Brasil. O professor Petrônio Domingues foi o único professor negro que tive.

Meu primeiro contato com o Museu Treze de Maio ocorreu no ano de 2009, a partir de uma visita feita com o intuito de conhecer o local para dar início às atividades que iria desenvolver como bolsista de iniciação científica, em um projeto sobre estudos ferroviários, no curso de graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Santa Maria. Recordo-me daquela primeira visita como se tivesse ocorrido há poucos dias: eu e as demais integrantes do projeto, acompanhadas pela professora coordenadora, fomos conhecer o Museu. Até aquele momento, eu não possuía muita informação a seu respeito, sabia apenas que era um museu que havia sido criado no mesmo espaço que anteriormente abrigava um clube social dos ferroviários negros da cidade.

Chegando lá, fomos recebidos pela diretora técnica, que nos apresentou o local e nos contou um pouco mais sobre sua história, deixando claro, desde suas primeiras falas, que aquele espaço tinha grande importância para os negros da cidade e era um lugar em que se buscava manter e valorizar a memória deles. Para minha surpresa, o espaço físico do Museu não era como eu havia imaginado, era um museu diferente, com muitas melhorias por fazer, sem grandes obras de arte, diferente do que a maioria das pessoas, inclusive eu, pensa ser um museu. Foi então que, partindo das falas da diretora técnica, descobrimos o maior de todos os

legados do Museu: as memórias, memórias daquele espaço, de pessoas, de um grupo e, de certa forma, da própria cidade de Santa Maria. Desde então, meu interesse despertou, aumentando, a cada dia, a vontade de conhecer mais sobre o lugar, sobre suas origens, as motivações que levaram a revitalizá-lo e transformá-lo em Museu.

Foi após essa visita inicial que as falas das professoras das disciplinas de Antropologia começaram a fazer sentido, pois, só depois daquele momento, pude compreender o que elas buscavam explicar quando falavam que, em muitos casos, não somos nós que escolhemos nossos objetos de estudo, mas, ao contrário disso, poderíamos ser escolhidos por eles. Foi isso que aconteceu, no meu caso.

Foi ano de 2010 que iniciamos efetivamente nossas atividades no Museu Treze de Maio, quando fomos apresentados a Augusto Britto, acadêmico do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisador e voluntário no Museu. Ele que nos ensinou a higienizar as atas do antigo “Clube Social” e, posteriormente, a fazer suas transcrições. Essas transcrições seriam paleográficas³ e tinham como objetivo possibilitar que o Museu tivesse as atas do antigo “Clube” digitalizadas, para que elas estivessem disponíveis para consulta dos interessados, sem a necessidade de manusear o material original.

³A transcrição paleográfica é um método usado pela Arquivologia para transcrever documentos. A transcrição é feita de maneira literal, a cada final de linha há um espaçamento de barra (/) e a cada parágrafo um espaçamento de duas barras (//).



Imagem 01- Armário em que são arquivadas e guardadas as atas da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

Fonte: Foto extraída do *blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Na foto anterior, vemos o armário em que ficam guardadas as atas da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. Quando chegávamos ao Museu, dirigíamo-nos ao armário e pegávamos as atas para realizar as transcrições. As atas contêm informações sobre as atividades que eram realizadas no “Clube” e são documentos importantes quando se busca compreender como era sua rotina. Nessas atas, também encontramos o registro de algumas particularidades, como, por exemplo, brigas e, por vezes, expulsões de pessoas que não se portavam de acordo com as normas do “Clube”.

Partindo da leitura das informações contidas nas atas do antigo “Clube Social”, compreendo que elas guardam a história daquele local e são ferramentas de estudo importantes, no sentido de possibilitar um maior entendimento sobre as atividades, dimensões, público-alvo e, também, sobre a importância do “Clube” para as pessoas que dele fizeram parte.

Durante mais de um ano, às sextas-feiras pela manhã, fui ao Museu para realizar essa atividade. Na medida em que frequentava o Museu, meu interesse pela história daquele local aumentava, e eu, cada vez mais, me vinculava àquele espaço de memória, o que culminou, no ano de 2011, com meu trabalho final de graduação.

Ao término desse trabalho e já pensando em cursar o mestrado, propus-me a continuar estudando o assunto, mas, agora, dando um enfoque maior ao Museu e às atividades nele desenvolvidas.

Desde minhas primeiras visitas ao Museu, incentivada pela professora orientadora, utilizei o diário de campo, registrando aspectos importantes e que serviriam à elaboração do relatório de pesquisa, pois era bolsista de iniciação científica. Sobre minhas primeiras percepções acerca do Museu Treze de Maio, assim registrei em meu diário de campo:

Hoje foi um dia chuvoso, um daqueles dias em que é difícil sair de casa. Peguei o ônibus para ir até o centro, caminhei um pouco até chegar ao Museu, para continuar os trabalhos de transcrição das atas, continuei no mesmo livro iniciado na semana passada. Chegando ao Museu, a porta ainda estava fechada, fiquei em pé, embaixo do telhado do prédio ao lado, já que em frente ao Museu iria ficar na chuva, e aguardei ali, do lado de fora, a chegada da bolsista e também das colegas de pesquisa. Eram 8 horas e 25 minutos da manhã quando começamos a transcrever as atas. Antes disso, precisamos trocar nossas mesas de lugar, pois as goteiras nos impediram de ficar no lugar de sempre. O Museu estava mais escuro do que o normal, uma das lâmpadas fluorescentes não ascendeu, deve ter sido por causa da umidade, se o espaço normalmente já é úmido, hoje estava mais ainda. Havia vários lugares com água empoçada, já que a chuva começou ontem; pegamos alguns trapos na cozinha e começamos a secar o chão para que não ocorresse algum imprevisto.

Algo que me chamou atenção hoje é como as paredes do Museu estão descascando, nunca havia reparado na quantidade de tinta que há nelas, é uma poluição visual, e a infiltração só piora a coisa, há vários tons de cores, as paredes são azuis, vermelhas, brancas, e há vários lugares onde foram feitos reparos devido aos problemas com a infiltração. Senti-me mal por ver um lugar tão importante ter tantos problemas estruturais.

Até o final da manhã consegui transcrever quatro atas da Sociedade, fiquei muito feliz e estou adorando conhecer um pouco mais sobre a Sociedade e as atividades que nela eram desenvolvidas (WEBER, diário de campo, 2010).

A foto abaixo elucida minhas observações sobre as condições físicas em que se encontrava o prédio, registradas em meu diário de campo. Essa fotografia foi feita no ano de 2010. Nela, é possível perceber as cores das paredes, as várias camadas de tinta que me chamaram atenção e também os baldes e panos no chão, que eram utilizados para diminuir os estragos que as chuvas causavam. Por entre goteiras, chão molhado e paredes descascando, uma etnógrafa se descobria.



Imagem 02- Fotografia da parte interna do Museu durante uma reunião, em um dia chuvoso.
Fonte: Foto extraída do *blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Considero importante ressaltar que, no Museu, não há funcionários e que a limpeza e preservação do local cabem aos seus frequentadores, geralmente aqueles mais assíduos, e aos dinamizadores⁴. Por diversas vezes, fui convidada a participar da limpeza do Museu, sendo o material de limpeza e higiene também arrecadado entre os frequentadores. Nas duas imagens apresentadas abaixo, é possível perceber a forma como eram feitos os mutirões de limpeza do Museu. As pessoas que visualizamos são dinamizadores, pessoas que vão ao Museu por motivações pessoais e também profissionais.

⁴ Os dinamizadores do Museu são, em geral, acadêmicos de cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Maria que, a partir de disciplinas específicas, têm seu contato inicial com o Museu. Além de alunos, outras pessoas atuam como dinamizadores e têm como objetivo divulgar e prestar apoio ao Museu Treze de Maio e às atividades nele desenvolvidas.



Imagem 03- Mutirão de limpeza do “Treze”.

Fonte: Foto extraída do *blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagem 04- Limpeza da fachada e porta de entrada do Museu.

Fonte: *Blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo, fui conhecendo novas pessoas que frequentavam o Museu. Pessoas das mais diversas faixas etárias, etnias e motivações para se dirigir àquele local. Algumas eram acadêmicas de cursos de graduação que estavam ali para desenvolver trabalhos relacionados a

disciplinas de seus cursos; outras eram integrantes do movimento negro que encontravam naquele espaço a possibilidade de se organizar e seguir sua jornada. Conheci, ainda, inúmeras pessoas que participavam e participam de oficinas que são realizadas no espaço do Museu, como de dança afro, de capoeira e aulas de samba.



Imagem 05- Apresentação da companhia de dança afro Euwá Dandaras, no Museu Treze de Maio.
Fonte: Foto extraída do *blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagem 06- Grupo de Capoeira Barra Vento.
Fonte: Foto extraída do *blog* do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com>.

As imagens anteriores mostram as apresentações do grupo de dança Euwá Dandaras e também do grupo de capoeira Barra Vento. De acordo com Silva, o grupo de dança:

(...) que em iorubá, uma das várias línguas faladas na África, significa “*Mulheres Guerreiras*”, tem uma trajetória de mais de dezesseis anos na cidade de Santa Maria/RS. Foi fundado em 1997 por Ivonete Carvalho e, a partir de 1999, assume como coordenadora e coreógrafa a professora Marta Messias da Silveira. Trabalha em prol do desenvolvimento e valorização da cultura afro-brasileira, através de atividades artístico-culturais, fazendo parte das oficinas da Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio – AAMTM. (SILVA, 2014, p.39).

Os grupos realizam seus ensaios semanalmente no Museu e se apresentam em diversos eventos realizados neste, bem como em eventos externos que visam promover e visibilizar a cultura afrodescendente local. Além das oficinas citadas, o “Treze” é palco de várias outras atividades: ele proporciona espaço para eventos da comunidade negra, reuniões do movimento negro e também articulações de grupos que discutem ações afirmativas, além de oportunizar a realização de variados estágios e pesquisas acadêmicas, em especial dos Cursos de História, Ciências Sociais e Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, bem como de cursos da UNIFRA (Universidade Franciscana).

Outro aspecto que gostaria de ressaltar acerca das minhas primeiras percepções sobre o Museu, diz respeito à reação das pessoas ao passarem pelo local. Muitas vezes, enquanto estávamos transcrevendo as atas, éramos surpreendidas quando alguém entrava no Museu. Em alguns casos, era por engano, em outros, por mera curiosidade, mas, muitas vezes, tratava-se de pessoas que frequentaram a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, o “Clube Social Negro”, no passado e que, ao entrar naquele espaço que agora é um Museu, diziam que a sensação era de uma volta no tempo, pois, guardavam muitas lembranças daquele lugar.

Em vários momentos, quando indagada sobre o que fazia no Museu, pude perceber que muitas pessoas que residem em Santa Maria não conhecem e, por vezes, não sabem o que é o Museu Treze de Maio. Esse fato me fazia refletir, achava estranho o fato de eu, que não era da cidade, saber da existência do Museu e aquelas pessoas não. Demorou muito tempo para compreender as dinâmicas e as

relações que se davam naquele espaço, fazendo com que ele permanecesse “invisível” para algumas pessoas. Outra questão que eu identificava era a surpresa de algumas pessoas ao observar uma estudante branca, de origem alemã, estudando a trajetória dos negros na cidade. Nesse aspecto, com certeza, a excelente recepção que os membros do Museu tiveram para comigo me deixou segura para legitimar minha presença ali e minha pesquisa. A história deles vai além da cor de minha pele ou da cor da pele deles. Trata-se de experiências humanas em encontro.

1.2 - O FAZER ETNOGRÁFICO.

Realizar uma etnografia não é tarefa fácil. Quando o objeto a ser estudado é um museu, são inúmeros os cuidados que se deve ter para desenvolvê-la, aspectos para os quais Malinowski (1984) já nos chamava atenção.

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada (MALINOWSKI, 1984, p.18).

Atentando para essa sinceridade metodológica sobre a qual Malinowski (1984) nos fala, realizei entrevistas qualitativas em profundidade com dez⁵ colaboradores, sendo que, desse total, cinco entrevistados tinham contato com o Museu desde um período anterior a sua criação, no ano de 2001; duas são pessoas que tiveram contato com o “Clube Social” e cinco que tiveram contato com o Museu, nos últimos anos. Todos os entrevistados são frequentadores assíduos e participam das atividades que são realizadas no Museu ou em parceria com ele. O motivo de escolher os frequentadores para serem meus foi o fato de considerar que são eles,

⁵ As entrevistas foram realizadas com dez colaboradores, quatro homens e seis mulheres, três entrevistas foram feitas via e-mail e sete pessoalmente. Sete entrevistados são negros e três não são negros.

enquanto sujeitos e agentes, que se apropriam e dão sentido ao espaço, tornando-o, assim, importante para a construção de identidades e para a valorização de memórias.

Optei por realizar entrevistas qualitativas por considerar que essa é a ferramenta mais adequada para a realização de meu trabalho e que com ela teria os melhores resultados. As entrevistas foram realizadas de duas maneiras, preferencialmente buscando entrevistar meus colaboradores pessoalmente, pedindo autorização para gravar as entrevistas, para que fosse possível efetuar as transcrições e consultá-las novamente, caso fosse necessário. Posteriormente, transcrevi as entrevistas e fiz um novo contato com os informantes para lhes mostrar o resultado da transcrição e o que dela pretendia utilizar na dissertação.

A outra maneira escolhida para realizar as entrevistas foi via e-mail, sem deixar de levar em conta que os resultados e a maneira como o informante responde são diferentes em relação à entrevista presencial gravada. Esse foi um acordo feito com minha orientadora, especialmente por perceber a necessidade de entrevistar algumas pessoas que estão ligadas ao Museu, cujas informações seriam de grande contribuição para o trabalho, mas que não residem mais na cidade. De acordo com Hine (2000), quando utilizamos a internet como uma ferramenta para tornar possível a etnografia isso não significa que há o desaparecimento da relação entre o investigador e seu leitor.

Internet permite al etnógrafo sentarse en una oficina, o en su mismo despacho, y explorar espacios sociales. Los etnógrafos de Internet, en vez de ensuciar sus despachos con tierra y polvo de lugares lejanos, pueden llegar a desgastar el escudo universitario del tapiz de sus sillas. Eso no implica, en ningún caso, que desaparezca la relación entre el investigador y su lector (HINE, 2000, p.60).

No que diz respeito à utilização da internet para desenvolver o trabalho, faz-se necessário ressaltar que a maioria das imagens nele contidas têm como fonte o *Blog do Museu Treze de Maio*⁶, um *site* criado por um grupo de acadêmicos do

⁶O *blog* do Museu Treze de Maio está disponível para acesso no endereço eletrônico <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, com o intuito de divulgar o Museu e suas atividades.

Outra fonte encontrada como aliada para realizar o estudo é o Portal dos Clubes Sociais Negros do Brasil⁷, cuja cerimônia de lançamento aconteceu no dia 13 de maio de 2011, na cidade de Santa Maria, durante as comemorações do aniversário de 108 anos da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. Na solenidade, estiveram presentes autoridades municipais, estaduais e federais, bem como representantes do Movimento Negro e presidentes de clubes sociais negros.

A formulação do roteiro de entrevistas exigiu dedicação de minha parte, pois tive dificuldades em definir o que realmente era necessário saber sem acabar por induzir as respostas dos entrevistados. Nesse sentido, os escritos de Boni e Quaresma (2005) colaboraram no que tange a suas considerações acerca da elaboração das perguntas.

Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a seqüência do pensamento do pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida (BONI; QUARESMA, 2005, p.72).

O roteiro que consta no Anexo 1, no final da dissertação, foi pensado no ano de 2012, partindo de indagações que surgiram durante o trabalho de campo. Realizei uma entrevista teste para analisar se o roteiro correspondia às minhas indagações ao longo das observações, de maneira a dar ensejo aos objetivos do trabalho. Foram feitas algumas alterações no roteiro após a realização da primeira entrevista. Desde o início da pesquisa, deixei claro que estava me fazendo presente no Museu Treze de Maio, a fim de desenvolver um trabalho de pesquisa. Apesar de estar em contato com o Museu e com as pessoas que o frequentam há algum tempo, busquei não confundir motivações pessoais com a pesquisa.

⁷O Portal dos Clubes Sociais Negros do Brasil está disponível para acesso no endereço eletrônico <http://www.clubessociaisnegros.com.br/>. Nele é possível encontrar diversas fotos, notícias e publicações sobre os clubes sociais negros e também sobre o Museu Treze de Maio e suas atividades.

Outra atividade que está sendo desenvolvida no Museu é a análise dos documentos disponíveis para pesquisa, a fim de agregar uma quantidade ainda maior de material e conhecimento, já que a pesquisa com documentos é cada vez mais indispensável em nossos estudos. Esses documentos dizem respeito a atas da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio e também a todo o material que foi divulgado na mídia impressa de Santa Maria referente ao Museu Treze de Maio, desde a sua criação, em 2001.

Para Cardoso de Oliveira (1998), há na pesquisa uma relação que vai além de apenas se fazer presente e coletar dados, denominada “olhar, ouvir e escrever”. O autor ressalta a importância de lembrar que os atos de olhar e ouvir não são independentes, mas sim complementares, por serem etapas tão importantes quanto a de escrever ou interpretar os resultados da pesquisa. Considero essa atividade reflexiva, pois o etnógrafo possui autonomia tanto na análise dos dados quanto no momento da escrita, assim como grande responsabilidade ao realizar ambas.

Compreendo que é necessário atentar para os aspectos éticos na pesquisa, principalmente por estar me relacionando com pessoas e, nesse sentido, uma atitude de vigilância se torna necessária. Procurei esclarecer meus interesses como pesquisadora, respeitando a vontade dos informantes, especialmente no que tange à liberdade de responder minhas indagações. De acordo com Bourdieu (2004), a “vigilância epistemológica” é o cuidado que devemos ter com as condições e limites das técnicas e conceitos que empregamos.

Johannes Fabian (2006), ao refletir sobre a prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação, chama atenção para o fato de que devemos sempre buscar chegar ao mesmo nível do outro. O outro, nesse caso, seriam os nossos informantes, os quais devem ser contatados buscando tornar mais bem realizado o nosso trabalho e mantendo uma relação de honestidade e respeito com eles. Chegar ao mesmo nível do outro se torna um desafio, uma vez que é necessário despir-se de pré-noções e tentar compreender o ponto de vista do informante, sem fazer julgamentos e influências como pesquisador. Nesse sentido, ressalto Bourdieu (1998), quando aponta que é preciso se colocar no lugar do outro, desnaturalizar-se. Construir um objeto científico seria então, sobretudo, romper com o senso comum, ou seja, romper com aquelas representações que são partilhadas por todos. Bourdieu (1998) faz uma crítica àquela Sociologia que usa conceitos do

senso comum como sendo científicos. Seria necessária então uma ruptura epistemológica para romper com o pré-construído e com tudo que, na ordem social, o sustenta.

Procuro fazer um estranhamento acerca de meu objeto, para que essa relação entre pesquisador/objeto não venha a prejudicar o desenvolvimento do trabalho. Para Da Matta (1978):

De fato, só se tem Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta), e a marginalidade se alimenta de um sentimento de segregação e a segregação implica estar só e tudo desemboca - para comutar rapidamente essa longa cadeia - na liminaridade e no estranhamento (DA MATTA, 1978, pág. 28).

O antropólogo, ao fazer uso do método etnográfico, possui autonomia para interpretar e analisar os dados. Clifford (1998) escreve que devemos estar atentos, pois o etnógrafo usufrui de uma relação de “sujeito-absoluto”, sendo recorrentemente comparado ao intérprete literário. Assim, ao caracterizar seus objetos, fontes de intenções com significados, transforma as ambiguidades em diversidades de significado da situação de pesquisa, em um retrato integrado, e se torna, portanto, necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de outra realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos.

O exercício de tentar fazer a descrição densa da qual Geertz (1978) nos fala é, com certeza, um dos grandes desafios na execução deste meu trabalho.

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1978, p.14).

Sobre os desafios enfrentados quando temos os primeiros contatos com nosso objeto de estudo, buscando compreender as dinâmicas e a forma como se dão suas relações internas, Magnani, em sua obra intitulada “*A etnografia como prática e experiência*”, ressalta que:

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção (MAGNANI, 2009, p. 134).

Ainda, de acordo com Magnani (2009), quanto à definição do que é a etnografia, podemos compreender alguns aspectos dessa “relação de troca”⁸ entre pesquisador e pesquisados.

(...) a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Minha entrada em campo não teve muitas dificuldades, provavelmente por já ter um contato prévio com o local. Apesar de estar realizando atividades distintas, o contato mantido, enquanto transcrevia as atas, permitiu “portas abertas” para que pudesse continuar frequentando o Museu, com objetivo de realizar minha pesquisa de mestrado. Nesse sentido, gostaria de destacar que, durante as minhas visitas ao Museu, seja para transcrever as atas ou para fazer as observações de campo, era indagada acerca do que fazia ali, mas, com o passar do tempo, essas perguntas, aparentemente, deixaram de ser necessárias, pois as pessoas passaram a me ver com certa naturalidade. A participação em algumas atividades me proporcionou maior interação e foi uma das formas encontradas para me aproximar daqueles que

⁸ Em meu trabalho de campo, essa relação de troca sobre a qual Magnani (2009) escreve pode ser percebida desde sua fase inicial. No decorrer do trabalho, houve negociações, ao fazer as transcrições das atas do antigo “Clube”, o acesso a outros documentos foi se tornando possível, documentos esses que não eram disponibilizados a outros visitantes.

são os entrevistados da pesquisa. Pode-se perceber, assim, que eu já não era mais uma estranha no Museu, ao passo que também não era “um deles”.

Quando comecei a frequentar o Museu, havia uma bolsista que cumpria uma jornada de vinte horas de trabalho semanal lá, portanto, o Museu ficava aberto durante vários turnos na semana. Atualmente, não há mais bolsista, por isso, as observações e demais atividades de campo estão tendo que ser feitas com agendamento ou, ainda, frequentando reuniões que são realizadas no edifício.

O Museu, de certa forma, não é aberto ao público, ele é aberto apenas quando há ensaios, reuniões e outros eventos. As suas chaves estão sob responsabilidade de algumas pessoas, como, por exemplo, a diretora técnica e os coordenadores (as) de oficinas. Percebo que há uma relação de confiança para com as pessoas que possuem as chaves, as quais frequentam o Museu há bastante tempo e com assiduidade, bem como trazem um retorno a ele, pois utilizam o espaço para atividades que o divulgam. Durante o trabalho de campo, fui a vários eventos realizados no “Treze” e pelo “Treze”. As atividades da *Semana da Consciência Negra* são um exemplo. Todos os anos, o Museu Treze de Maio organiza uma programação específica para a data, geralmente, ao longo de todo o mês de novembro, e buscando chamar a atenção da população santa-mariense para o Museu e para as pessoas que o frequentam.

Vários eventos no Museu me marcaram positivamente, entre os quais gostaria de destacar a última edição da *Semana da Consciência Negra* e o *Fesman-Festival Municipal de Artes Negras*, que ocorreram em novembro de 2012 e maio de 2013, respectivamente. Como podemos ver nas imagens abaixo, esses eventos tinham uma programação bastante diversificada, envolvendo desde a apresentação de documentários, intervenções artísticas e mostra culinária até a *Kizomba* (festa da raça). Essas atividades, além de divulgarem o Museu, tinham por consequência uma valorização da identidade do grupo, por ressaltarem e promoverem o sentimento de pertencimento. Quando digo que esses eventos me marcaram, quero dizer que foram experiências positivas, que contribuíram com trabalho e também com a minha relação e interação com os membros do Museu.



Imagens 07 e 08- Semana da Consciência Negra, 2012, e Festival Municipal de Artes Negras, 2013.
 Fonte: *Blog do Museu Treze de Maio*: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Visitar o “Treze” me possibilitou compreender que o espaço do Museu não é somente um lugar no qual há um sentimento de pertencimento comum aos seus frequentadores, mas, mais do que isso, é um local no qual identidades são construídas, incorporadas e, principalmente, valorizadas.

Meu maior contato no Museu foi com os membros da diretoria e com os dinamizadores, pelo fato de frequentarem o local durante a semana, uma vez que os ensaios e oficinas acontecem, geralmente, aos finais de semana. Na interação com os frequentadores do Museu, pude compreender que há vários agentes que podem ser destacados e, de certa forma, responsabilizados no que tange ao processo de identificação negra. Eles atuam como “empreendedores identitários” (Agier, 2001) e, no caso do Museu, disseminam, influenciam, compartilham vivências e experiências.

As evoluções sociais e políticas das últimas décadas impõem, nesse sentido, um objeto empírico relativamente novo para a antropologia: o dos grandes empreendimentos identitários, que tendem a substituir as antigas “tribos”, as aldeias “perdidas” e outras etnias “em via de desaparecimento” da etnologia clássica. Assistimos, então, a atitudes que se dão o ar de retornos (“retorno à etnia”) ou de recolhimento (“recolhimento sobre si”, “recolhimento identitário”, busca de “raízes”) quando, ao descodificar os processos e resultados de sua busca, descobrimos antes inovações, invenções, mestiçagens e uma grande abertura para o mundo presente (AGIER, 2001, p.10).

Considero necessário um agradecimento especial a Giane Vargas Escobar, por estar diretamente em contato com o Museu desde a sua criação, ter sido diretora do “Treze” por quase uma década e ter me aberto as portas para realizar este trabalho. Giane é estudiosa dos clubes sociais negros e uma militante do Museu e do movimento negro santa-mariense. Ela é uma referência sobre o “Treze”, de modo que, quando digo às pessoas que estudo o Museu Treze de Maio, um comentário que geralmente surge é: “Ah, então tu conhece a Giane!”.

Partindo das considerações acerca do fazer etnográfico e das contribuições de conceitos dos autores citados, busco dar continuidade ao trabalho, objetivando mesclar teoria e prática, adquirida durante as observações, de forma a possibilitar a compreensão do Museu Treze de Maio e das relações que o permeiam.

1.3 – O TRABALHO NA FERROVIA: DESDOBRAMENTOS E INFLUÊNCIAS NA CIDADE DE SANTA MARIA/RS.

Para falar sobre o Museu Treze de Maio, preciso anteriormente fazer algumas considerações sobre o contexto histórico e social em que surgiu o “Clube Social” - a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio -, assim como sobre as motivações que levaram a sua criação, ressaltando a importância da atividade ferroviária na cidade.

Atualmente, a cidade de Santa Maria possui uma população de, aproximadamente, 260 mil habitantes (de diversas etnias) e é reconhecida, em nível estadual e nacional, por ser um importante polo universitário, por ter um grande número de estudantes e também de quartéis militares. Pelo fato de estar situada no

centro do estado, Santa Maria é conhecida como município “Coração do Rio Grande”.

Por se localizar no interior do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria foi uma cidade que, assim como inúmeras outras, viveu grandes transformações e expansão com a chegada da ferrovia (em 1885), especialmente por um local de entroncamento entre diversas linhas férreas (Flores, 2007). Seu desenvolvimento se deveu, em grande parte, aos reflexos dessa atividade na cidade, nos mais diversos aspectos, sejam habitacionais, educacionais ou econômicos, cujas consequências ainda podem ser percebidas na atualidade. As contribuições que a criação da ferrovia deu são muito evidentes, se destacando no que diz respeito ao desenvolvimento das cidades, não apenas quanto à expansão, mas, também, ao proporcionar o acesso a locais que, anteriormente, eram praticamente inatingíveis. Outra contribuição é a vinda de uma grande diversidade de grupos étnicos para cidade, provenientes dos mais diversos lugares. Essa população se converteu, ao longo do tempo, em trabalhadores ferroviários.

Para que fosse possível a implantação das primeiras ferrovias no país, houve o estímulo de capitais privados nacionais e estrangeiros, principalmente ingleses, que almejavam um sistema de transporte que fosse seguro, econômico e capaz de levar, a diversos pontos do país, os produtos aqui produzidos. No caso da cidade de Santa Maria, de acordo com Rodrigues (2003), a data que marca o início da modernidade santa-mariense é 15 de outubro de 1885, a qual corresponde à chegada, na gare da viação férrea, do primeiro trem advindo da estrada Porto Alegre-Uruguaiana. É, efetivamente, na virada para o século XX, que Santa Maria se torna o centro ferroviário do Rio Grande do Sul (Rodrigues, 2003, p.11).

A atividade ferroviária na cidade foi responsável, também, pelo desenvolvimento das mais diferentes atividades. Ela trouxe novas possibilidades de trabalho e condições mais dignas a um grande número de pessoas que vinham das mais diversas cidades brasileiras e que, direta ou indiretamente, estavam ligadas à atividade ferroviária santa-mariense. O desenvolvimento de trabalho na ferrovia possibilitou aos seus funcionários a obtenção de uma profissão de destaque, que desfrutava de um *status* privilegiado (Flores, 2007). Em muitos lugares, a própria organização espacial das cidades tem ligação direta com a criação da ferrovia, pois era geralmente em torno ou próximo aos trilhos que se desenvolviam as vilas de

funcionários. A cidade de Santa Maria pode ser usada como exemplo dessa afirmação, pois ainda hoje é possível verificar que a cidade se desenvolveu nos locais próximos às linhas férreas, dando origem às vilas onde residiam, principalmente, ferroviários.

De acordo com Ferreira (2007), ser ferroviário no Brasil era um privilégio. Essa classe de trabalhadores foi uma das primeiras a se organizar em sindicatos. Mesmo assim, havia clivagens internas, como as raciais e de gênero, por exemplo, (Santos e Zanini, 2012). Para Ferreira (2007, p.2), havia uma identidade de classe ferroviária ou, ainda, de uma “família ferroviária”, e isso pode explicar o porquê de, muitas vezes, a identidade étnica e racial dos brancos e negros estar “camuflada”.

A atividade ferroviária não deixava de ser, adicionalmente, uma forma de sociabilidade para seus operários, pois ser ferroviário lhes trazia a possibilidade de compartilhar valores, conhecimentos e também um sentimento de pertencimento ao grupo. Outro papel importante desenvolvido pela ferrovia foi o de transmitir informações, já que era por meio dos trens que chegavam não apenas cargas, mas também passageiros e jornais, dos mais diversos lugares. Esses trens traziam, muitas vezes, também doenças, que se disseminavam com rapidez, devido ao fluxo de pessoas e à diversidade de locais pelos quais passavam. A chegada dos primeiros trens ao solo brasileiro modificaria por completo nossa economia, assim como as formas de organização das pessoas que aqui viviam. Essa atividade passaria por altos e baixos, e seus reflexos e contribuições ainda podem ser percebidos nos dias de hoje. Quando ocorreu a decadência dessa atividade ouvia-se dizer que “a máquina do progresso passou por cima de tudo” (Lord e Eckert, 2002, p.1).

Assim como outros setores, o ferroviário enfrentou grandes dificuldades financeiras. Em 1959, a ferrovia gaúcha passou a ser gerenciada pela administração federal. Esse e outros fatores, como o crescimento das rodovias, contribuíram para a decadência da atividade ferroviária.

É importante ressaltar que cada polo ferroviário teve suas especificidades, mas os traços mais gerais eram semelhantes, como, por exemplo, sua forma de organização em comunidades, as construções de vilas, o *status* que a profissão trazia e várias outras características que fazem com que as memórias desse período continuem sendo mantidas vivas por meio de lembranças compartilhadas.

O contexto do surgimento de um clube social negro na cidade está ligado às diversas formas de preconceito racial que eram marcantes naquele período. A discriminação racial é vista como um dos maiores motivos que levou os negros a se organizar e criar as suas próprias associações e locais de sociabilidade (Escobar, 2010). Cabe ressaltar que a formação dos primeiros clubes sociais negros é anterior à abolição da escravatura, portanto, antes mesmo do ano de 1888 essas formas de associação já existiam.

Gostaria de destacar, também, que a questão do racismo fica mais evidente, no cenário brasileiro, com a abolição da escravatura, pois ela dava a impressão de que se poderia ter uma igualdade política e formal entre todos os brasileiros. Como é possível perceber na atualidade, houve progressos, mas, muitas pessoas ainda hoje são vítimas do preconceito racial. Para falar de preconceito racial, recorro à definição elaborada por Oracy Nogueira (1985):

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 1985, p. 78-9).

Segundo Giacomini (2006, p.36), quando a cor da pele, como é o caso do *preconceito de marca*, caracterizado por Nogueira (1985), opera como estigma, a manipulação ou intervenção na aparência funciona como um calibrador, que procura equilibrar o que é percebido como incongruência ou discrepância entre os dois elementos. As intervenções conscientemente direcionadas nas formas de se apresentar terão um sentido de compreensão daquele elemento, por si só completamente negativo e desabonador, que é o estigma de ser negro. No caso do “Treze”, acredito que o preconceito de marca esteja mais presente, pois o que predomina não é uma crença em um passado de origem comum. Percebo, antes, um espaço que é compartilhado por pessoas de uma mesma etnia e que possuem laços de pertencimento ao grupo, ao “Clube” e ao Museu.

O período da escravidão no Brasil se consolidou como uma experiência de longa duração e marcou diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileiras, especialmente na inserção da população negra no mercado de trabalho (Fernandes, 1978). Mais que uma simples relação de trabalho, a existência da mão-de-obra escrava africana fixou um conjunto de valores da sociedade brasileira em relação ao trabalho, aos homens e às instituições (Escobar, 2010). Nessa trajetória, é possível verificar a ocorrência de preconceito racial e social em nossa história.

No século 19, a estação ferroviária era considerada a principal responsável pelo desenvolvimento da cidade de Santa Maria, especialmente por abrigar os escritórios da Viação Férrea. É neste contexto, que engloba progresso e conquistas salariais, que é criada a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

A primeira entidade genuinamente erigida por ferroviários na cidade foi a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, inaugurada em 13 de maio de 1903, cuja sede foi estabelecida na “Rua Silva Jardim”. Numa época em que ainda eram acentuadas as diferenças étnicas, essa entidade reunia entre seus associados apenas a comunidade de trabalhadores afro-brasileiros e seus familiares. Esse evento demarca a expressividade dos descendentes de afro-brasileiros que atuavam nas ferrovias gaúchas, e que pela segregação existente buscaram constituir espaços próprios de convivência social (FLORES, 2008, p.273).

Quanto à relação entre brancos e negros na ferrovia, é importante dizer que ela teve seus altos e baixos, como reconhece Ferreira (2007). O silêncio a respeito de certas questões raciais, fez-se, de certa forma, para permitir a convivência entre os trabalhadores brancos e negros. Isso demonstra que o trabalho da memória também está associado à organização social da vida. Os relatos se fazem ligados às relações de poder. Para Monteiro (2007, p.20), “a classe operária se materializa na ação coletiva, pois ela é constituída por pessoas que só podem fazer as coisas acontecerem coletivamente, isso requer organização, liderança, disciplina e coesão entre seus membros”. Dentro do mundo da ferrovia, os operários concebiam seus planos familiares, suas aspirações, construíam suas culturas. Nesse universo ocorriam também as divergências e intrigas.

Os clubes sociais tinham um papel importante, igualmente, no que dizia respeito à manutenção da memória do grupo. Para Escobar (2010, p.90), “os negros reforçaram, na memória nacional, por quase um século, a figura da Princesa Isabel, como representante máxima responsável pela libertação dos escravos, e as elites

dominantes deste país”. Segundo Domingues (2007, p.103), “de cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural”, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Isso ocorre em decorrência do fato de que, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação.

Compreendo que houve forte influência da atividade ferroviária na cidade de Santa Maria e que seus desdobramentos podem ser verificados na formação da cidade. O *status* obtido com essa atividade é, até hoje, evidenciado na fala dos trabalhadores. Houve, nesse período, vários investimentos econômicos em moradia e institutos educacionais. A criação de clubes de caráter recreativo, como a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, foi importante também no sentido de reforçar laços entre os trabalhadores da ferrovia.

2- TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO: DE CLUBE SOCIAL NEGRO A MUSEU.

Neste capítulo, faço apontamentos sobre a origem de um clube social negro na cidade de Santa Maria e abordo alguns aspectos sobre sua criação, motivações, atividades desenvolvidas e história, para, posteriormente, dissertar acerca do Museu Treze de Maio.

2.1 – APONTAMENTOS SOBRE A ORIGEM DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NA CIDADE.

As motivações para criar um clube social negro na cidade foram diversas, em especial, a necessidade de possuir um local de lazer e de sociabilidade para as famílias negras, já que, no período em questão, os negros eram proibidos de frequentar os clubes dos brancos. Outro motivo relevante para a criação do “Clube” foram as comemorações em homenagem à Princesa Isabel⁹, mais especificamente à data da abolição da escravidão, ocorrida no ano de 1888. Essas motivações são evidenciadas por Escobar, que é uma estudiosa dos clubes sociais negros, no trecho que segue:

A Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio foi fundada por “quarenta e sete cidadãos”, idealizado por negros e para negros, mais especificamente no ano de 1903, já que a eles não era permitido o acesso às sociedades de brancos. Motivação relevante para sua criação foram também as comemorações alusivas à data da abolição da escravidão promulgada em 13 de maio de 1888 (ESCOBAR, 2010, p.99).

A data de comemoração da abolição da escravidão foi mais um fato motivador, principalmente pelo que representou no que tange aos progressos almejados pelos negros naquele contexto. Segundo Escobar:

⁹As homenagens à Princesa Isabel se deviam ao fato de muitos acreditarem que a abolição da escravidão teria sido uma doação generosa da Princesa aos negros brasileiros.

Os clubes sociais negros reforçaram na “memória nacional”, por quase um século, a figura da princesa Isabel, como representante máxima responsável pela libertação dos escravos, e as elites dominantes deste país, em especial os museus, arquivos e bibliotecas nacionais, apesar das mudanças e do protagonismo negro, continuam reafirmando e legitimando estas memórias, com raras exceções (ESCOBAR, 2010, p.90).

Os grandes responsáveis e idealizadores desse clube social negro foram os ferroviários negros. No meio social em que viviam e em suas atividades profissionais, percebiam que seus colegas frequentavam os clubes da cidade, clubes de caráter principalmente recreativo e, a partir disso, começaram a pensar em criar também um clube, para partilhar de momentos de recreação com suas famílias e amigos. Segundo Macedo (2012),

A Sociedade Treze de Maio, na primeira metade do século XX, realizou, dentro de suas possibilidades, um importante papel aglutinador e identificador da cultura negra na cidade, colocando o negro dentro de um espaço social qualificado e que fortalecia os laços de identidade cultural de uma comunidade que, econômica e socialmente, procurava se afirmar. (MACEDO, 2012, p. 99).

Percebo aspectos semelhantes entre o “Treze” e o Renascença Clube, que foi um clube social negro criado no Rio de Janeiro e objeto de estudo de Sonia Maria Giacomini. De acordo com Giacomini (2006, p.24), esse pequeno grupo, composto majoritariamente por negros diplomados e “bem de vida”, idealizou um clube social que fosse à imagem dos clubes sociais brancos da cidade, aos quais não tinham acesso, no qual pudessem programar e vivenciar as atividades consideradas condizentes com a sua posição econômica, com seu *status*, assim como adequadas ao estilo de vida ao qual aspiravam. É possível compreender, portanto, que a criação de clubes sociais estava acontecendo em diversas partes do país e que suas motivações e aspirações têm aspectos em comum.

Ao escrever sobre a criação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, Lameira (2006) aborda a localização do “Clube”, tendo em vista as especificidades do desenvolvimento da cidade naquele período:

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio foi fundada em 1903 por funcionários negros da extinta Viação Férrea, 15 anos após a promulgação da Lei Áurea, numa época de segregação racial bastante evidente. A primeira sede da Sociedade foi construída na Rua 24 de Maio (hoje Rua

Silva Jardim), então na periferia da cidade. A atual sede localiza-se no mesmo local do prédio original e foi construída na década de 60 e inaugurada em 1966 (LAMEIRA, 2006, p.17).

Ainda no que tange a aspectos sobre a criação do “Clube Social Negro” de Santa Maria, Weber (2011, p. 15) destaca que, de acordo com as informações do Catálogo do Fundo Fechado da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio (2010, pág. 35), “foi com banda de música, um grande número de sócios e sócias, “doces e líquidos”, que, no dia 14 de maio de 1911, animados ao som da “Banda de Música Lira popular”, saindo direto da residência do Sr. Sisnade Antonio de Oliveira, às três horas da tarde, seguiram todos reunidos para o local, aonde (sic) já havia “grande massa de sócios e curiosos”, para assistir ao “assentamento da pedra fundamental” que deu início à construção da primeira sede da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio”. Foi construída por negros operários da Viação Férrea, que recebiam da direção tábuas dos vagões de trens desmanchados.

Todo esse processo de criação se deu de maneira bastante demorada. As dificuldades eram diversas e a falta de condições financeiras adequadas era uma delas, tanto que, na época em que foi construída a primeira sede, grande parte do material utilizado na construção do prédio do “Clube” veio de materiais usados da ferrovia, materiais como tábuas, ferro e zinco.

As pessoas que frequentavam o “Clube” eram das mais diversas faixas etárias, pois este era um local para as famílias negras. Era também um lugar com um código moral rígido, como pode ser observado no trecho que segue:

O Clube Treze de Maio era um local rígido, que contrariava qualquer estereótipo negativo do povo negro, e seus idealizadores e frequentadores faziam questão de assim se mostrar à sociedade, e neste caso, durante muitos anos, esta também foi uma maneira daqueles trabalhadores negros fugirem dos estereótipos que a eles eram imputados, saindo do esquecimento para a visibilidade, tornando-se um dos mais requisitados Clubes Sociais Negros do interior do Estado, onde aconteciam os “melhores carnavais de Santa Maria”, os mais lindos bailes de debutantes, bailes da primavera, baile da balança, além da sociedade incidir e intervir diretamente na educação de seus associados com aulas de reforço, de etiqueta e corte e costura para moças, dentre tantos outros cursos que visavam a formação de um caráter correto, sem desvios, sem precedentes para falatórios ou que viesse a envergonhar a sociedade, e se por acaso isto viesse a acontecer, aqueles que se “comportavam mal” na sociedade eram banidos, expulsos, sem piedade (ESCOBAR, 2010, p.6).

Além de regras rígidas, outro fato que chama atenção é a diversidade de atividades desenvolvidas no “Clube”, em sua maioria, destinadas à família, como relatou, Escobar (2010). O “Clube” pode ser visto também como local frequentado pela elite negra da cidade, fato este que é reforçado quando percebemos as inúmeras regras que existiram para que as pessoas pudessem participar de suas atividades. Os bailes de gala, por exemplo, exigiam que as pessoas se vestissem de acordo com as normas colocadas para aquela ocasião. Se o baile era de gala, as roupas teriam que ser trajes de gala e, sendo assim, nem todos tinham condições econômicas para participar desses eventos¹⁰.

Partindo da realização de meu trabalho final de graduação no ano de 2011, pude compreender que os membros da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio faziam parte de uma elite, por mim denominada “elite negra”. Os seus sócios, por serem funcionários da ferrovia, tinham uma situação econômica estável, mas não podiam frequentar os clubes dos brancos, aumentando, assim, ainda mais a necessidade de ter um lugar para si e para suas famílias, um lugar em que se sentissem bem, como se sentiam em casa, esse lugar era o “Treze”.

A Elite do Treze pode ser vista como um grupo detentor de “status”, de uma posição social de destaque perante os outros negros da cidade, não apenas por ter um maior poder aquisitivo, mas especialmente por ter um local de sociabilidade que os difere daqueles que não podiam participar. É necessário ressaltar que havia distinções entre os próprios membros do Treze, especialmente no que diz respeito à situação financeira. O negro que era pobre, muitas vezes, não podia participar das atividades desenvolvidas pelo Clube, a própria maneira das pessoas se vestirem para participar dos bailes já demonstrava que não era qualquer um que poderia participar. Em algumas ocasiões, os homens só poderiam entrar se estivessem vestindo ternos e as mulheres em trajes de gala, lindos vestidos longos, roupas que uma pessoa que não tivesse uma situação econômica relativamente boa não poderia comprar (WEBER, 2011, p. 16).

Em seu estudo acerca da *“Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre”*, Daysi Macedo de Barcellos (1996) destaca a importância da etnicidade nas relações entre diferentes grupos sociais, na cidade de Porto Alegre, e da construção, naquela cidade, de uma elite negra. Segundo a autora:

¹⁰ Aqueles que não podiam frequentar o Clube Treze de Maio muitas vezes frequentavam o Clube União Familiar, um Clube que existiu na cidade de Santa Maria durante o mesmo período do “Treze” e que possuía regras menos rígidas quanto às vestimentas adequadas e permitia a entrada de casais mistos.

A etnicidade opera como afirmação do grupo perante outro grupo e a sociedade envolvente. Existem aspectos ideológicos e políticos envolvidos nesse jogo. Os contingentes etnicamente diferenciados podem ou não organizar-se como grupo politicamente mobilizado para a competição. Eles não só se diferenciam entre si como ocupam, na maioria dos casos, lugares ou posições desiguais na sociedade na qual estão inseridos. Isso faz com que a classificação étnica seja interpenetrada pela desigualdade social. Assim é que a etnicidade pode operar como estratégia política servindo tanto para justificar ideologicamente a dominação, como para promover a solidariedade dos grupos dominados, construindo a base para a disputa política (BARCELLOS, 1996, p.100).

Nesse sentido, gostaria de ressaltar ainda, que faço uso do conceito de elite não com o intuito de comparar a elite do “Treze” às outras elites da cidade. Compreendo que há uma diferença entre os frequentadores do “Treze” em relação aos outros negros da cidade, assim como há também diferenças entre as elites brancas da cidade, no período em questão.

Durante o contato que tive com antigos frequentadores e sócios desse clube, pude compreender que muitos negros, filhos ou familiares de ferroviários haviam sido impedidos de entrar no “Clube” por fatores que diziam respeito, principalmente, a trajarem vestimentas inadequadas, por maus comportamentos ou problemas de ordem econômica. Percebo no “Clube”, um poder que, por vezes, não foi explícito, mas ainda assim perceptível: as pessoas sabiam como deveriam se portar, vestir-se e, sobretudo, sabiam que se não seguissem as regras impostas pela elite dirigente do “Clube”, ela faria, por meio dos mecanismos de poder disponíveis, com que fossem não muito bem vistos nessa sociedade. Essa constatação também foi possível de ser verificada nas falas de alguns de meus entrevistados. No trecho que segue reproduzo a fala de uma de minhas colaboradoras, narrando como foi seu contato com o “Clube”:

Olha, fala bem a verdade, no Treze a gente ia pra olhar, na frente, porque antes era só como tu disseste ferroviário que era bem credenciado, e a gente que era pobre não podia participar, então a gente ia pra frente ali do Cícero Barreto, olha quando entrava aquelas moça né bem bonitas, bem vestidas e a gente não tinha condições, aí a gente olhava. Depois com o passar dos anos, foi indo, foi indo, foi mudando e aí já deu pra gente participar das festividades lá, mais só se o pai ou a mãe fossem levar, pois que nem agora que saem sozinhas e vão por tudo, isso não tinha, não, e adequadamente, tinha que “tá” bem vestido. Não podia ir com roupa feinha né, também eles olhavam de alto abaixo, já não entrava. Se pudesse na porta dizer que tu não entrava, tu não entrava! Tinha que “tá” bem vestidinho. Aí então a gente ía, depois então a minha irmã participou “dum” baile, e só não sei o nome do baile, mas era um baile muito chique. Aí ela, como a mãe pôde arrumar roupa pra ela ir, ela foi, e eu, como não tinha

“pras” duas, eu só fui olhar a chegada, mas, era muito bonito, e o carnaval também era a mesma coisa (Dona Lina¹¹, 2010).



Imagem 09- Mulheres em um baile de gala realizado na Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Na foto anterior, podemos visualizar a forma como as moças se vestiam nos bailes de gala realizados no “Clube”, atentando para a postura e penteados, próprios para a ocasião. Por meio dessa fotografia, é possível compreender o porquê de muitas pessoas não terem condições econômicas para participar de alguns eventos realizados no “Clube”.

Para Giacomini (2006, p.84), a mulher negra parece ser figura central, porque repousa sobre ela grande parte da responsabilidade moral quanto à “dignidade” e “honra” do grupo, que se confunde com aquela da família. No caso do “Treze”, as mulheres também possuíam essas responsabilidades: cabia a elas dar aos filhos uma educação adequada e instruí-los sobre a forma de como deveriam se portar perante os outros, em seu cotidiano e dentro do “Clube Social”.

Percebo o “Clube” também como um local de disputas, de disputas de poder. Um exemplo disso é o fato de que, até meados da década de 1960, só poderiam exercer cargos diretivos associados ferroviários. No ano de 1947, as mensalidades

¹¹ Dona Lina é uma das colaboradoras da pesquisa, outros aparecem ao longo do trabalho. Durante a realização das entrevistas os colaboradores optaram pela maneira como gostariam de serem citados no texto, alguns nomes são verdadeiros e outros fictícios.

dos associados do “Clube” passaram a ser descontadas da folha de pagamento da ferrovia, notando-se, assim, o comprometimento da Cooperativa Ferroviária com a manutenção do “Clube”.

Ao mesmo tempo em que esse grupo de pessoas criou esse espaço com o intuito de dar mais dignidade aos negros da cidade, eles também acabaram “pecando”, pois o excesso de rigidez negou o acesso de seus pares menos favorecidos economicamente, por não conseguirem se vestir de maneira adequada para frequentarem o local, reproduzindo a exclusão daqueles considerados não dignos de conviverem com eles, no mesmo espaço.

Nunca é demais lembrar que a “sensação de estar em casa”, de “estar à vontade”, que aparece aos informantes como atributo do espaço social em questão, era o resultado de um complexo processo envolvendo uma dupla operação de seleção/exclusão: de um lado, afastamento consciente e determinado dos clubes brancos que os segregavam para a criação de um clube negro, ou se preferir, clube de negros para negros; de outro lado, seleção que envolvia o bloqueio do ingresso de negros pobres, de morro, portadores de outros hábitos, gostos, posturas (Giacomini, 2006, p.53).

Percebe-se, assim, que apesar de os frequentadores se sentirem bem no espaço do “Clube”, o acesso, tanto no caso do “Renascença” quanto do “Treze”, não era dado a qualquer um. Compreendo que havia no espaço dos clubes uma relação de *status* que, por vezes, pode ter sido tão excludente quanto a própria questão étnica. O “Clube” proporcionava um *status* a seus frequentadores e, mais do que isso, pode ser considerado um local de *status*, que fornecia aos seus frequentadores aspecto de distinção, pois ir ao “Treze”, naquele período, não era uma possibilidade de todos os negros da cidade.

É possível, assim, afirmar que o “Treze” pode ser visto como um local de distinção, que, para Bourdieu (2007), se trata, na verdade, de desmistificar afirmações da ordem do senso comum, quando se assevera que o gosto sobre determinada matéria não se discute; mais do que isso, para ele, o gosto classifica e distingue; aproxima e afasta aqueles que experimentam os bens culturais. Segundo o autor, a posição socialmente ocupada pelos agentes detentores de um poder específico em um campo particular de existência depende, antes de qualquer coisa, dos capitais objetivados nas práticas distinguidos em três dimensões “clássicas”: o econômico, o cultural e o social. É a forma assumida pelos capitais objetivados em

uma relação e incorporados (*habitus*) que determinam as classes sociais e, conseqüentemente, constituem as práticas que classificam as distinções (BOURDIEU, 2007).

Compreendo o “Clube” como um local de exercício de poder simbólico, havendo diferentes maneiras de se perceber o poder, poder aqui entendido como uma forma de destaque perante os outros frequentadores, bem como de distinção em relação aos demais negros residentes na cidade. Aqueles que faziam parte da diretoria do “Clube” podem ser vistos como detentores de poder e privilégios. As moças que ganhavam os concursos de beleza também podem ser compreendidas como possuidoras de poder. São formas de poder diferentes, mas que não fogem à regra na maneira como as pessoas se portam quando o possuem. Essa questão de disputas de poder no espaço do museu também foi tema de abordagem de Possamai (2001). Segundo a autora,

Assim, não se pode pensar no museu como um lugar neutro, mas como um espaço de relações objetivas que se estabelecem entre seus agentes e entre estes e outros agentes da sociedade. (...) o museu pode ser caracterizado como “um espaço de luta material e simbólica” em torno da construção e veiculação de memórias, sejam estas individuais ou coletivas (POSSAMAI, 2001, p.109).

No caso do “Treze”, as relações de poder existentes podem se assemelhar ao que Foucault (1997) denomina de *poder que circula*, pois é um poder que funciona e se exerce em cadeia, permeando todas as relações sociais, com indivíduos agindo sobre outros indivíduos, e não é algo que se possa possuir.

Na cidade de Santa Maria/RS, nesse mesmo período, havia outro clube social, o União Familiar, que, ao contrário do “Treze”, permitia a entrada de casais mistos e não possuía tanta rigidez no que diz respeito às normas de comportamento e vestimentas adequadas para frequentá-lo. Esse clube ainda é pouco estudado, sabe-se que ele existiu e que sua criação foi anterior à da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, bem como que este foi um clube também bastante frequentado, servindo como alternativa àqueles que não iam ao “Treze”.

As atividades desenvolvidas pelo “Treze” diziam respeito ao movimento social, esportivo, cultural e recreativo, dentre os quais destaco os concursos de beleza, bailes com música ao vivo, aniversários, casamentos, jogos de futebol, etc.

O “Treze” tornou-se uma entidade respeitada e frequentada por um grande número de sócios, pautada nos princípios de moralidade e rigidez da sociedade da época. O espaço físico que os associados dispunham para as atividades desenvolvidas era insuficiente. Após seis décadas de muita atividade e cada vez mais associados foi elaborado e executado um projeto de ampliação e construção de um novo prédio para a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio. Conforme depoimentos dos antigos associados, em 2001, a Sociedade chegou a ter oitocentos sócios efetivos, todos negros (ESCOBAR, 2010, p.107).

Para ilustrar atividades desenvolvidas pelo “Clube”, apresento uma parte da transcrição paleográfica da “Ata de Terceira Reunião do Conselho Deliberativo, contando com a presença dos demais conselhos Executivo e Fiscal”, que foi realizada “aos dez dias do mês de junho do ano de mil novecentos e oitenta e dois (1982), na sede da Sociedade 13 de Maio”:

[Fls. 007-V]...Movimento Social, Esportivo, Cultural e Recreativo.// Em abril de 1981 contratamos o balneário/ Chácara das Flores, por um período de dois/ anos, dentro dos parâmetros do inquilino/ nato, isto é com opção de compra no final.//2. Disputamos tres concursos de beleza que envolve-/ram rainhas desta sociedade.//A) Miss Mulata do Rio Grande do Sul edição 1981 realizada em Rio Pardo e esta sociedade conquistou o título de 2° princesa desta/ cidade com a Snt° Zanete Calil.//B) Concurso Rainha do Balneário de Santa/ Maria edição 1982 e 1° digo : quarto lugar com/ a St° Claudia Bassoaldo.//C) Concurso Rainha do carnaval de 1982 onde lo-/gramos o título de segunda princesa da cidade/ de com a St° Rosane Jupira Bibiano.//3. Baile com músicas ao vivo, foram/ realizados neste período treze bailes e trinta e seis saraus e boite. Quatro jantares fes-/tivos e dançantes da ala feminina.//Aniversários e casamentos: Foram reali-/zados tres de associados desta sociedade.//5. Reunião Culturais- foram realizadas/ [Fls 007-V] “Trinta e seis, vencemos vinte setes das mesmas...” 6. Partidas de futebol de campo- foram/ realizadas trintas e seis, vencemos vinte/ sete das mesmas.//7. Cursos Culturais:// Dois cursos de esteticismo e estética para associados.//8. Cabeleleiro://Mantivemos um para o atendimento do quadro social.//9. Confraternização Social Inter-municipal// Com CTG Crioulo de São Sepé.//10. Brigas e Atritos no recinto da sociedade: uma envolvendo os associados -----/ da ---- e -----.//11. Frequencia de sócios e sede campestre no/ período balneário:// Em média de cento e cinquenta pessoas/ por dia//12. Rústica(atletismo)//Uma comemorativa aos aos setenta e oito anos da/ sociedade e cento e vinte e cinco anos de emanci-/pação política e Santa Maria.//13. Conselho Deliberativo:// No dia treze de maio, realizamos a/ posse do 1° conselho deliberativo desta sociedade.// “Este reali” digo este relatório espelha/ fielmente o movimento desta sociedade em doze/ meses, que como podemos observar foi bastante/ variado e atingiu todas as camadas sociais desta Sociedade.//

Por meio dessa transcrição, é possível ter uma noção da intensa programação da Sociedade. Nesse período, ainda no auge de suas atividades,

percebendo-se a diversidade de eventos promovidos pelo “Clube” e também a quantidade de pessoas que participavam deles no início da década de 1980.

Na fotografia apresentada na sequência, podemos visualizar a imagem de um dos bailes de carnaval realizados no “Treze”. Nessas ocasiões, havia a escolha das rainhas do carnaval. Quem aparece na fotografia é Alcione Flores do Amaral que, desde a sua infância, participou de concursos no “Clube”.



Imagem 10- Escolha da rainha do carnaval.

Fonte: Foto extraída do blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Nessa outra imagem, aparecem crianças que também participavam dos concursos de carnaval do “Clube”, mas, nesse caso, os concursos eram realizados durante o dia, turno em que as atividades eram mais voltadas para a família.



Imagem 11- Concurso de carnaval infantil.

Fonte: Foto extraída do blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

De acordo com Weber (2011), as moças negras representantes do “Treze” tinham grande destaque nos concursos de escolha da rainha do carnaval da cidade, afirmação esta embasada em notícias encontradas nos jornais da época. Nesses concursos de beleza, o que estava em jogo era a afirmação de um novo padrão de beleza estética. “O que se tentava provar era que a “raça” negra também podia ser bela e que os critérios de beleza, fundados apenas no modelo estético branco, não eram os únicos a serem seguidos” (Loner, Gill, 2009, p.161). Segundo Seyferth (2007, p. 122), em meados do século passado, a heterogeneidade ou a variabilidade de fenótipos do povo brasileiro ainda era vista como um “problema racial”.

O “Treze” foi palco de grandes eventos. Os bailes são um fato bastante lembrado pelos informantes. Ao realizar as entrevistas, vários comentários foram surgindo, e pude compreender que muitas pessoas se conheceram nos bailes do “Clube”, namoraram, casaram, da quais algumas, hoje, se fazem presentes nas atividades realizadas pelo Museu, porque aquele lugar lhes traz várias lembranças:

A gente namorava lá no Treze, mas sabe né, não podia pegar na mão nem nada. Tinha que dançar bem longe um do outro. Rosto colado? Nem pensar, não podia, era proibido. Tinha gente que quando fazia o que não devia tinha que sair do baile e ainda ficava falado, era tudo muito comportado (José, 2011).

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio passou por várias fases desde sua criação até o período de decadência. Em um de seus trabalhos, Escobar contextualiza a trajetória da sociedade em cinco períodos distintos, citados a seguir.

A fase da criação (1903-1914); o período de transição, de intercâmbios com outras sociedades congêneres (1920- 1940); a fase de legitimação e fortalecimento da Sociedade, o auge, os grandes bailes, intensa visibilidade, afirmação de uma “elite negra” (1950- 1980); a decadência, desestruturação, perda de parte da identidade original (1990- 2000) e etapa de revitalização e “reinvenção do patrimônio”, como espaço comunitário, o Museu Treze de Maio (a partir de 2001) (ESCOBAR, 2010, p. 97).

O período de declínio do “Clube” começou em meados da década de 1980, denominado por Escobar (2010) de “período de decadência da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio”, decadência esta anterior à da atividade ferroviária na cidade. Atribui-se a ela diferentes motivos, dentre os quais se podem destacar a “abertura” concedida aos negros para frequentarem outros clubes da cidade e problemas de gestão, fato que acontece em inúmeras sociedades.

Os membros desse clube social tinham grande orgulho em fazer parte dele. Hoje, eles relembram com alegria e saudade os bons momentos vividos no “Clube”, um tempo que ficou para trás, mas que está e estará guardado nas lembranças de várias gerações. Esse sentimento pode ser exemplificado na fala de uma de minhas informantes, a seguir, quando perguntada sobre o que mudou com a criação do Museu e sobre suas lembranças da época de atividades do “Clube Social”:

É, mas eu gostaria que voltasse a ser uma Sociedade, com baile, aqueles bailes de debutante e tudo aquilo, porque tudo aquilo acabou e não tem né, qual é a única sociedade que ainda tinha era o União Familiar aí acabou tudo né, não tem pra contar o resto da história, não importa que vá branco, vá preto, mas era uma sociedade que era de negros, agora mudou tudo...Eu não me importo de mistura, mas tinha que ter uma raiz pra dá continuidade pros nossos filhos, netos e bisnetos ter o que contar: a minha vó era daqui! Só que não tem, pode dizer que, que é, mas só pelo fato de ser agora um Museu, mas baile e essas coisas agora não tem como, mas lá tá ficando bom eu fui lá, eu vi, gostei. Até andei trazendo, eu fui na Bahia e trouxe umas foto do Zumbi dos Palmares eu dei lá pra eles, eu dei, tá lá eu fiquei de ir buscar e depois quando eu vi aquela menina que coordena lá aí eu disse: Ah, deixa lá eu não quero, mas aí eu deixei lá pra eles, porque é mais importante lá né do que eu guardar num álbum e fica ali parado né...(DONA LINA, 2010).

Para corroborar a compreensão da importância da criação desse clube social negro (a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio) para a época e suas consequências percebidas ainda na atualidade, trago a fala de dois informantes de pesquisa que, ao serem indagados sobre a importância do “Clube” para a população negra de Santa Maria, ressaltam:

A SCFTM foi um espaço não apenas de socialização e recreação da elite negra de Santa Maria e região, mas foi um espaço essencial de reivindicação e afirmação dos direitos desse grupo, como para a construção e consolidação de uma identidade própria, além da perpetuação da cultura, material e imaterial destes. A SCFTM foi um espaço social, cultural e político essencial da comunidade negra municipal no século XX, tendo suas ações continuadas, com uma nova perspectiva que atenda a nova conjectura social, pelo MTM. (JOÃO, 2013).

Sem dúvida alguma, a Sociedade Treze de Maio foi um marco de suma importância na sociedade santa-mariense. Ela foi espaço de lazer para mulheres e homens, negras e negros impedidos de frequentar os espaços da “elite branca”. Muito mais que um espaço de lazer, foi ao longo dos anos se imbuindo de histórias e memórias das suas gentes e passou a ser um espaço de etnicidade familiar, espaço de sociabilidade negra e de desenvolvimento social (HUMBIUMBI, 2013).

Partindo de estudos e entrevistas feitas com pessoas que estiveram direta ou indiretamente ligadas à ferrovia, pude perceber que existe um sentimento que é coletivo entre elas: o sentimento de saudade. Especialmente, os mais idosos fazem muita questão de ressaltar as contribuições que a ferrovia trouxe e o quanto foram felizes naquela época. A decadência da atividade ferroviária em Santa Maria foi muito sentida pela população, porque aquela abrangia um grande número de pessoas, que estavam ligadas a esse mundo do trabalho. De acordo com Cardoso (2010), se, antes, os ferroviários reivindicavam em greves, hoje, sentem a necessidade de contar suas histórias para que não sejam esquecidas e consideram importante falar que a ferrovia poderia ser, ainda na atualidade, um progresso para a população, caso fosse revitalizada.

Mesmo com o término das atividades desenvolvidas na cidade, ainda hoje os ferroviários são vistos como detentores de um *status* social que o trabalho na ferrovia lhes propiciou. A importância do “Clube” pode ser compreendida, ainda, a partir de Macedo (2012).

O Clube não era apenas o ponto de encontro, era mais, era o elo dos negros com o mundo, era algo que a comunidade negra carregava como sendo seu, um fator que o identificava como cidadão, como parte da sociedade santamariense, que permitia a ela atuar, participar, contribuir, compartilhar de um espaço social, na qual as experiências diárias eram e se tornavam comuns e, mais do que isso, afirmava a força de um grupo social que conseguia, mesmo que ignorado por muitos, mostrar que ali era o seu espaço (MACEDO, 2012, p. 103).

Concluo, ressaltando que alguns aspectos ficaram muito claros quanto à importância do “Treze” para a população negra de Santa Maria. O “Treze” surgiu como um espaço inovador, que proporcionou, ao mesmo tempo, sociabilidade, diversão e aprendizado. Ele era a concretização de uma sociabilidade “regrada” para um grupo de trabalhadores negros que almejava, também, que suas famílias tivessem lazer adequado (Weber, 2011, p. 26). Percebo, portanto, que é devido a sua relevância como clube social negro que o espaço do “Treze” continua sendo, ainda hoje, importante para essas pessoas.

2.2 – REVITALIZANDO O ESPAÇO: CRIAÇÃO DO MUSEU TREZE DE MAIO.

O ano de 2001 foi um marco para o início da reconstrução e também ressignificação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, por meio da materialização de um museu comunitário. O processo de ressignificação foi árduo, longo e difícil. A criação do Museu foi uma forma encontrada para salvaguardar o patrimônio do antigo “Clube”.

Em 2002, foi criada a Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio, que é uma associação que dá suporte e busca melhorias para o local. Essa associação ainda hoje é parceira do Museu em diversas pautas e reivindicações, bem como auxilia nas atividades e dá apoio para a manutenção do “Treze”. Foi no ano de 2003 que o Museu Treze de Maio foi oficializado, com personalidade jurídica própria, logomarca e projeto arquitetônico lançados no dia 13 de maio de 2003, ano em que a Sociedade Cultura Ferroviária Treze de Maio completava 100 anos (Escobar, 2013).

Na imagem seguinte, podemos visualizar a logomarca oficial do Museu Treze de Maio:



Imagem 12- Logomarca oficial do Museu Treze de Maio.

Essa logomarca do Museu Treze de Maio foi criada pela *Usina Bigger Comunicação*. O símbolo é a representação gráfica da face frontal de um negro, que foi disposto de maneira a demonstrar o movimento de cabeça para trás e para frente. O movimento para trás indica a crescente transformação de sua história e a preocupação em preservá-la. Já o movimento de cabeça para frente assinala a crescente evolução da cultura negra e o desejo de inserção de seu povo na sociedade. Essas informações foram obtidas em um folder de divulgação do Museu.

Ao buscar informações sobre o processo de oficialização do Museu, encontrei, no *site* do Conarq (Conselho Nacional de Arquivos), dados sobre o que vem a ser a missão institucional do Museu Treze de Maio, o qual tem por intuito: *preservar a memória da Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio; identificar, coletar, catalogar, documentar, estudar, conservar, salvar, preservar, expor e divulgar bens materiais e imateriais de valor histórico e cultural relacionadas à Cultura Africana e Afro-Brasileira; trabalhar no sentido de promover o combate à discriminação, o preconceito e o racismo através de suas exposições, falas, material gráfico informativo* (Conarq, 2003). Partindo desse registro, é possível compreender a grande importância do Museu na atualidade, pois, além de objetivar preservar a memória do antigo “Clube Social”, possui pautas que são muito marcantes na atualidade como o combate ao racismo e à discriminação.

A Lei N°4809/04 de 28 de dezembro de 2004 “*Considera Patrimônio Histórico e Cultural do Município, o Prédio que abrigou o Clube Treze de Maio*”. Ainda no ano

de 2004, o prédio do Museu foi tombado e, desde então, o Museu, além de ser um lugar de memória que, segundo Nora (1993), é o processo por meio do qual, um espaço se torna lugar e o patrimônio se torna memória, passa a se desenvolver como um local de identidade e sociabilidade entre os negros de Santa Maria.

De acordo com dados obtidos no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental da cidade, o Museu Treze de Maio faz parte do subprojeto da Mancha Ferroviária¹², cuja abrangência é a área central do município de Santa Maria e compreende aproximadamente 40 quadras, incluindo a área de entorno imediato. Esse subprojeto tem como objetivo geral valorizar a identidade urbana e cultural da área de influência da ferrovia, com a preservação e restauração de bens de interesse patrimoniais e requalificação dos espaços urbanos, que hoje estão em decadência ou ocupados irregularmente. Seu objetivo específico, no que diz respeito ao Museu Treze de Maio, é recuperar o imóvel pertencente à antiga Sociedade Recreativa Treze de Maio, fundada por funcionários negros da extinta Viação Férrea, e adaptar o espaço para o funcionamento de um museu com a temática afrobrasileira, baseado nos conceitos de “Ecomuseu” e “Museu Comunitário”. O fato de o Museu fazer parte desse projeto possibilitou a obtenção de verba para a reforma no prédio feita alguns anos mais tarde.

¹² Denominação atribuída pela prefeitura local.



Na imagem recém-disposta podemos visualizar algumas pequenas fotografias sobre atividades (oficinas) desenvolvidas no Museu Treze de Maio e também informações sobre seu reconhecimento e tombamento (essa imagem se encontra anexada, em forma de pôster, no interior do Museu).

O “Treze”, como palco de discussões, teve grande importância no processo de reflexão para a implantação da política de cotas na Universidade Federal de Santa Maria, pois foi no espaço do Museu que se realizaram reuniões com integrantes do movimento negro, estudantes, militantes e comunidade em geral, para discutir essa nova forma de acesso à Universidade. A aprovação das cotas, no ano de 2007, foi bastante comemorada pelo grupo.

Finalmente, na sexta-feira de 13 de julho de 2007, o CEPE votou a resolução da Reitoria sobre a questão da reserva de vagas para afro-brasileiros na UFSM. Não havia dúvidas de que o impasse na aprovação da resolução que adotaria as cotas sociais e raciais na UFSM era a questão da adoção de cotas raciais. Talvez, por isso, o resultado, de 19 votos contra 18 garantiu a aprovação na íntegra do projeto de resolução original (MELO, 2012, p. 55).

Além de Melo (2012), Nassar e Messias (2012) também escrevem acerca da implementação das cotas na Universidade Federal de Santa Maria. Segundo essas

autoras, a resistência às cotas raciais na UFSM não se deu de maneira diferente do que em outras universidades. Conforme Nassar e Messias, a luta organizada dentro e fora da Universidade culminou com a aprovação, no dia 13 de julho de 2007, da reserva de vagas raciais nessa instituição (NASSAR e MESSIAS, 2012, p. 30).

O processo de adoção de políticas de ações afirmativas na UFSM que se consolidou com a reserva de vagas étnico-raciais para o ingresso em 2008 foi, antes de tudo, um processo vitorioso frente ao racismo e à desigualdade social. Vitorioso também porque demonstrou o quanto a universidade deve ser o lugar da diversidade, do querer mudar pelo saber e da defesa constante da cidadania (MELO, 2012, p. 47).

Partindo do protagonismo do movimento negro e do espaço do Museu como local de debates e discussões, importante nesse processo de instituição da política de ações afirmativas, compreendo o Museu Treze de Maio como um local de apropriação dos coletivos formados a partir dessa implementação de cotas. Destaco, nesse sentido, os dois coletivos¹³ de estudantes negros o AFRONTA e a AENUFSM, que são formados por alunos cotistas.

O principal legado do Museu Treze de Maio é a memória¹⁴, sendo realizadas diversas atividades para a valorização desta: ciclos de cinema com a temática negra, grupos de dança afro, capoeira, grupo vocal de mulheres negras e, especialmente, a *Roda de Lembranças*. A Roda de Lembranças é um encontro promovido, anualmente, pela diretoria e por dinamizadores do Museu, para a qual são convidados antigos membros, sócios ou frequentadores do “Clube”, com o objetivo de compartilhar com o público interessado as lembranças da ferrovia, do “Clube” e, também, a própria história de vida dessas pessoas.

Na sequência, estão expostas três imagens da IV *Roda de Lembranças* organizada pelo Museu, que ocorreu no ano de 2012, durante a programação da Semana da Consciência Negra, tendo como tema “Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio”. Na primeira imagem, aparece o convite que foi feito de forma digital

¹³ O AFRONTA (Coletivo de estudantes negros) e a AENUFSM (Associação dos estudantes negros e negras da Universidade Federal de Santa Maria) são dois coletivos formados por estudantes que realizam diversas atividades relacionadas ao acesso e a permanência destes alunos no ensino superior na atualidade.

¹⁴ Compreendidas aqui como narrativas sobre o passado construídas no presente e compartilhadas com sentido.

e impressa para divulgar e convidar as pessoas a participarem dessa roda. A segunda imagem foi feita durante a Roda, e nela podemos visualizar as pessoas que se fizeram presentes. Na terceira e última imagem, aparece um mural feito pelos dinamizadores do Museu, no qual os participantes foram convidados a escrever e a responder alguns questionamentos que tinham como intuito contar a história do “Treze” como clube social.



Imagem 13- Convite para a Roda de Lembranças de 2012.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagem 14- IV Roda de Lembranças do “Clube Treze de Maio”.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>
 Autoria da foto: Luciele Oliveira.



Imagem 15- Mural feito para contar a história do “Clube”, durante a IV Roda de Lembranças do “Clube Treze de Maio”.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>
 Autoria da foto: Luciele Oliveira.

De acordo com as informações obtidas ao longo do trabalho, os processos de *revitalização* do antigo “Clube” e de criação do Museu Treze de Maio não foram simples e nem fáceis. Foi necessária muita persistência e empenho em tentar transmitir aos antigos e novos frequentadores as reais intenções em se criar o Museu, bem como marcar a importância dele ser criado no mesmo espaço do “Clube”.

O processo de transformação, “reinvenção do patrimônio” e ressignificação do antigo Clube Treze de Maio (que se encontrava em estado de total abandono e com instalações precarizadas pela falta de manutenção e com inúmeras patologias) em um Museu Comunitário não se deu de forma natural e espontânea, houve resistência à nova proposta. Porém, as críticas eram feitas por pessoas que desconheciam o Projeto e a possibilidade de uma museologia participativa e comunitária e à medida que iam se apropriando daquele conhecimento, mais adeptos foram se aliando àquela iniciativa. Foi um longo processo de sensibilização de antigos sócios, militantes do Movimento Negro e sociedade santa-mariense (ESCOBAR, 2010. p. 7).

As motivações para a criação do Museu foram diversas, mas, entre elas está, especialmente, a necessidade de manter preservado um local que fora tão importante para a população negra santa-mariense. O objetivo era manter naquele espaço a possibilidade de dar continuidade a algumas atividades que eram desenvolvidas no antigo “Clube”. Os principais agentes nesse processo foram

acadêmicos do curso de Museologia e integrantes do movimento negro da cidade. De acordo com Domingues (2007, p.101), movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Faço uso dessa definição para compreender o movimento negro na cidade de Santa Maria/RS.

As maiores dificuldades encontradas nessa transição de clube a museu referem-se à aceitação da população em se transformar um clube, que tinha caráter recreativo e que era conhecido pelos seus bailes de gala e pelas suas festas, em um museu. Percebo que, apesar das críticas feitas ao se pensar em criar o Museu Treze de Maio, sua implantação foi uma forma encontrada para manter esse espaço em atividade, pois, mesmo que tenha mudado seu caráter, teve como consequência a manutenção da história do “Clube”.

De acordo com o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos; são intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. São práticas e conceitos em metamorfoses.

Possamai (2010), ao abordar a relação entre museu e sociedade, nessa nova mirada, em que são criados ecomuseus e museus comunitários, em busca de alternativas ao modelo tradicional de museologia, escreve:

O museu passa a ser assumido pelas comunidades locais enquanto agente do processo de mudança social, sobretudo naquelas realidades com problemas culturais e sociais específicos, como as comunidades indígenas e negras, os bairros pobres nas grandes cidades. Esses novos museus são criados com um horizonte de expectativas distinto daqueles tradicionais (POSSAMAI, 2010, p. 37).

O acervo do Museu se constitui basicamente de fichas de antigos associados, de atas, livros e fotografias doadas por ex-frequentes do “Clube Social”, além, é claro, de bens de caráter imaterial. Quanto às doações feitas para o Museu, gostaria de destacar o que Possamai (2010) escreve acerca de como um objeto se torna peça de museu.

Essa passagem de um objeto do cotidiano à peça de museu revela motivações individuais ou sociais. Esse percurso pode ser feito através de uma busca efetivada pela instituição- de acordo com os próprios critérios de coleta e pesquisa- ou pelas doações que são oferecidas ao museu. Dessa forma, o museu e os objetos ali preservados são frutos de uma vontade de conservação levada a efeito por grupos, instituições ou indivíduos. Tudo que é guardado no museu, deve-se a escolhas efetivadas por agentes sociais (POSSAMAI, 2010, p.65).

Nas imagens seguintes, podemos visualizar o “Treze” em duas fases distintas. Na primeira foto, vemos o prédio em um momento anterior à criação do Museu. Nesse período, o “Clube Social” já não realizava mais suas atividades, e se instala uma boate no prédio. Na segunda foto, a fachada já é a que temos atualmente, mas sem as pichações que persistem a cada pintura. O Museu se encontra em constante reforma e luta pela conquista de melhores condições estruturais.



Imagens 16 e 17: fachada do Museu Treze de Maio.

Fonte: Escobar (2007), disponível no *site* dos clubes sociais negros do Brasil
<http://www.clubessociaisnegros.com.br/>

O prédio no qual se localiza o Museu possui dois andares. No térreo, há um grande espaço que, geralmente, é usado para realizar reuniões e exposições. Há também uma sala em que são guardados os instrumentos musicais que são usados

nas oficinas de dança e capoeira. Além desses ambientes, há uma sala da diretoria, uma sala de reserva técnica, em que são guardados os documentos do “Treze”, e uma cozinha e banheiros. O Museu possui um elevador, mas ele não funciona e, por isso, acesso para o segundo pavimento se dá por meio de uma escada. Ali há o espaço do antigo salão de festas do “Clube”. Esse espaço, atualmente, é usado para realizar os ensaios, oficinas e eventos com maior número de pessoas. Há, ainda, mais duas salas e um banheiro.

Quando falamos do Museu Treze de Maio precisamos levar em conta que ele é um Museu de caráter comunitário, em que quase tudo é obtido por meio do esforço de seus frequentadores, pois não possui muitas verbas para sua manutenção, e o espaço físico ainda está muito longe daquilo que se almeja.

A seguir, estão dispostas duas imagens do processo inicial de um projeto cultural denominado “*Pintando o Treze*”, que foi um projeto criado pela diretoria técnica, pela Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio- AAMTM e pelos diversos dinamizadores do Museu, no ano de 2011, para pintar o edifício do Museu. A Coral Tintas, através de uma empresa situada em Santa Maria, fez a doação das tintas, mas a pintura ficou por conta dos “parceiros” do Museu.



Imagens 18: Projeto Pintando o Treze.
Fonte: Foto extraída do blog do Museu Treze de Maio:
<http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagens 19: Projeto Pintando o Treze.
Fonte: Foto extraída do blog do Museu Treze de Maio:
<http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Nas imagens anteriores, é possível perceber o quão precárias se encontravam as paredes do Museu. Durante várias semanas, foram realizados mutirões de pintura, para dar conta da tarefa de pintar o edifício. E não era apenas pintar: inicialmente, tivemos que raspar todo o excesso de tinta, preparar os locais onde havia infiltração para receber a pintura, para, por fim, pintar o “Treze”.

Durante várias semanas, fui ao “Treze” para acompanhar a pintura do Museu. Nessas visitas, também coloquei a “mão na massa” e dei minha colaboração para a pintura. A pintura tinha que ser acabada com certa urgência, pois precisava estar tudo pronto para a realização da “II Jornadas de Formação em Museologia Comunitária”, ocorrida em outubro de 2011, na cidade de Santa Maria. O Museu foi muito visitado nessa ocasião.

Após vários mutirões, o “Treze” começava a ficar renovado.

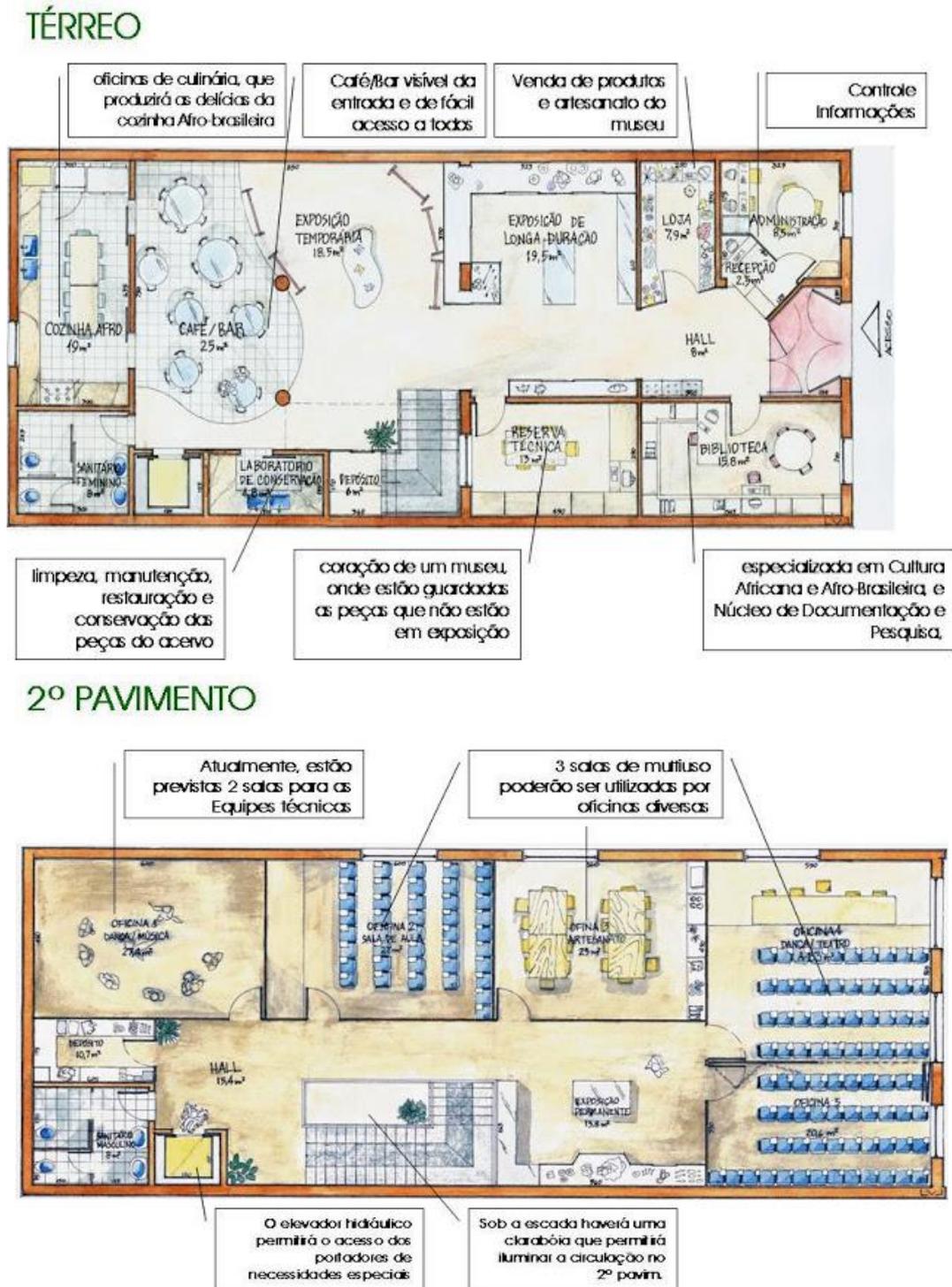


Imagens 20 e 21. O “Treze” ficando de cara nova, projeto Pintando o Treze.
Fonte: Foto extraída do blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagem 22: Fotografia atual da parte interna do Museu Treze de Maio, após a pintura.
Foto: Autoria própria.

Apesar das várias melhorias feitas no Museu, seu estado atual ainda está muito longe daquilo buscado em seu projeto arquitetônico, como pode ser visto nas imagens abaixo, que dizem respeito ao projeto na parte interna do Museu.



Imagens 23 e 24. Projeto arquitetônico do Museu Treze de Maio.
 Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

O projeto arquitetônico do “Treze” é bastante ambicioso e foi muito bem pensado. No térreo, estão previstos espaços para exposições, uma biblioteca afro, um laboratório de conservação, uma cozinha afro, na qual se deseja realizar oficinas de culinária, e vários outros espaços, como podemos ver na imagem anterior. No segundo pavimento, o espaço é distribuído dando uma maior prioridade para as oficinas, ensaios e salas de aula. É possível verificar, por meio dessas duas imagens, uma incompatibilidade entre que o que se deseja e o que se tem, até o momento, no Museu Treze de Maio, pois, como colocado anteriormente, apesar das melhorias feitas ao longo desses 12 anos do Museu, ainda há muito por ser feito.

Uma característica marcante do Museu Treze de Maio é o pertencimento. De acordo com Escobar (2010), o sentimento de pertencimento pode estar relacionado a um território amplo (identidade nacional) ou a características restritas, como a alguns indivíduos participantes de grupos étnicos, religiosos ou de gênero. Conforme Barth (1998), se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com os outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão.

Para Escobar (2010), o Museu Treze de Maio, ao longo de seus quase dez anos de existência, tem sido palco e laboratório para a realização de inúmeros projetos acadêmicos, que não ficaram somente no âmbito teórico, muito pelo contrário, deram um retorno prático para a comunidade interessada. São projetos de estudiosos das mais diversas áreas, entre os quais destaco os trabalhos de João Heitor Silva Macedo, que trata de aspectos relacionados à memória e identidade negra; de Augusto Britto, que em seu trabalho final de graduação realizou a transcrição paleográfica da primeira ata da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio; de Eveline Pena da Silva, que em sua dissertação de mestrado realizou um estudo sobre a Cia de Dança Ewá Dandaras; de Giane Vargas Escobar, que possui diversos estudos relacionados ao “Clube” e ao Museu Treze de Maio; bem como de Maria Rita Py Dutra, que é escritora de livros de literatura infantil, em que os personagens são negros. O Museu tem sido também palco de exposições e mutirões de limpeza; de “Palestras Culturais”, com café no final da tarde; de entrevistas para o Banco de História Oral e de correria para encontrar antigos sócios do “Treze” para participarem da “Roda de Lembranças”.

Um ponto abordado em meu trabalho final de graduação foi sobre as representações do “Clube” e do Museu na vida de seus frequentadores. Ao realizar as entrevistas, indagava meus colaboradores sobre o que o “Clube” representou para elas e o que o Museu representa. Dona Lina, uma de minhas entrevistadas falou sobre o que mudou de lá pra cá:

Ah, eu acho que melhorou muito, muito de lá pra cá. Porque agora as crianças, se tu for lá entrevistar as meninas, elas vão dizer que não tem distinção de pobre e de rico, tão tudo junto agrupadinhas, dançando, é branco é preto, dançando nas Dandaras e antigamente não era assim, se tu tivesse dinheiro tu iria participar, mas se tu não tivesse, não iria. E ali nas Dandaras, eles têm apadrinhamento né, se alguma das meninas não pode comprar roupa, sempre um ou outro se ajudam, o grupo em si, e se vestem todas iguais e saem a dançar, saem a viajar tudo, basta dizer que já me disseram que elas vão ir na África, um belo dia eu disse: convidem a vó que a vó vai junto (DONA LINA, 2011).

Quanto à importância da criação do Museu Treze de Maio, um dos informantes respondeu que:

Ele é essencial pela memória, pelas possibilidades que gera, é um lugar onde os produtores de saberes se encontram sejam estes letrados ou não. É musical, é representativo, é artístico no sentido mais puro que essa palavra possa ter para representar a produção afro (origem) negra (cor) (PATI, 2013).

Outros colaboradores ressaltam características como a resistência, a preservação de materiais e o espaço para realizar atividades que o Museu proporciona.

A criação do MTM não foi apenas importante, como necessária pra garantia de preservação da memória afro de Santa Maria. Entende-se, também, que os Clubes Sociais Negros são ainda locais de resistência, resistência e sociabilidade, e tem se mantido apesar das adversidades, com o intuito de proporcionar o lazer e a recreação à comunidade negra, tal qual nos anos idos, em meio à intensa segregação racial que assolava o país. Sob a luz de processos museológicos contemporâneos, comprova-se que criar ecomuseus e museus comunitários nos espaços de clubes e sociedades negras ameaçados de fechamento é avançar na política de reconhecimento da contribuição do povo negro no desenvolvimento de nosso país, é preservar e garantir a memória local é documentar e divulgar bens materiais e imateriais de valor histórico e cultural relacionados à cultura africana e afro-brasileira. É trabalhar no sentido de promover o combate à discriminação, o preconceito e o racismo através de suas exposições, falas, material gráfico informativo, etc; é oportunizar oficinas culturais que visem o lazer e a geração de trabalho e renda, bem como a auto-sustentabilidade, como: cursos de artesanato afro-étnico, música, dança afro, percussão,

capoeira, teatro, coral, etc. É contribuir na construção de uma sociedade igualitária e justa (HUMBIUMBI, 2013).

O Museu foi minha casa. Ali edifiquei e reforcei laços. Quando se pensa que a maioria dos espaços “não são feitos para nós” e há de fato legitimações que conferem a minha afirmação, o museu é um lugar de todos. Ele é o lugar da comunidade negra que, numa visão afrocentrada, não exclui o outro, ele agrega. Eu não sentia falta do Rio quando estava no Museu, porque, no fundo, eu me encontrava nele. Sem as considerações da família, como esse fracasso que ocorre na maioria das casas, mas uma família que se constrói de modo verdadeiro, que aceita, que adota, dá a mão, aprende e ensina. Ele é um espaço que tem vida e por isso torna-se lugar (PATI, 2013).

É necessário ressaltar que esses questionamentos feitos por mim, ao longo das entrevistas, levaram a respostas pessoais. A forma como o Museu afeta a vida das pessoas é diversificada, e isso fica evidente em suas falas: enquanto para alguns ele afeta diretamente aspectos da vida pessoal, como na fala anterior, para outros, o Museu simboliza um espaço de aprendizados profissionais:

O Treze é um rico laboratório capaz de proporcionar aprendizagens significativas à luz de processos museológicos sistêmicos, contemporâneos e comunitários que visem a (re) construção de políticas sociais públicas, de ações afirmativas, da identidade e sociabilidade negras. O MTM é tanto um agente transmissor de cultura, quanto um mediador de experiências visuais e expositivas fundamentadas pelas vivências de suas gentes. O MTM tem buscado, cada vez mais, uma abrangência interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, a fim de alcançar uma ampliação em seu conceito sociocultural (HUMBIUMBI, 2013).

Compreendo que os laços de parentesco também servem como motivação para as pessoas frequentarem o Museu, pois o fato dos pais e avós terem feito parte do “Clube Social” faz com que, na atualidade, filhos e netos visitem o lugar. Há também casos de pessoas que hoje frequentam o Museu apesar de seus familiares não terem feito parte do “Clube”. Esses casos não podem ser generalizados, mas são recorrentes entre as pessoas com as quais tenho contato.

Para concluir essa discussão acerca da contribuição da criação do Museu Treze de Maio e sua representação na vida dos meus colaboradores, gostaria de ressaltar que, a partir das minhas indagações, pude compreender os diferentes significados do “Treze” para essas pessoas. O Museu, além de ser um local no qual se realizam atividades que promovem a sociabilidade, é um lugar em que as pessoas criam ou encontram laços de pertencimento e, mais do que isso, é um lugar

de construção de identidades e de valorização da memória. Trata-se de um ponto de partilha e circulação de significados.

Ao iniciar a pesquisa, acreditava que pudesse fazer uso da definição de Augé (1994) e considerar o Museu como um não-lugar, por percebê-lo como espaço de transição. Mas, a partir do trabalho de campo, pude compreender que há uma relação identitária forte com o espaço e, por isso, passei a considerá-lo um lugar. De acordo com Certeau (1998, p.189), “os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si dos passados roubados à legibilidade por outro”. Nós damos significação a um lugar a partir do momento que compreendemos que existem elementos memoráveis partilhados, como no caso do “Clube Treze de Maio”.

Para Nora (1993, p. 12), “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. A “forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”. Segundo o autor, “a verdadeira percepção do passado consiste em considerar que ele não é verdadeiramente passado” (Nora,1993, p.18). Essa consideração do passado que não é passado, sobre a qual Nora escreve, é perceptível no caso do Museu: apesar de o “Clube” fazer parte do passado, a memória dele é ainda bastante presente na atualidade.

3- PERSONAGENS, PALCOS, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES: elos de uma história que “se faz, fazendo”.

Neste terceiro e último capítulo, abordo o Museu Treze de Maio dando maior enfoque aos seus personagens, seus frequentadores e dinamizadores, elencando, principalmente, aspectos acerca da memória e das atividades desenvolvidas no Museu. Por personagens, compreendo aqueles indivíduos que se tornaram vitais para a transformação de um clube em museu. Compreendo o Museu como um palco de importantes disputas, conquistas e reivindicações, com diferentes símbolos e representações, fazendo uso, sobretudo, das falas dos colaboradores desta pesquisa, com o intuito de analisar de forma mais aprofundada os apontamentos realizados até agora.

3.1- O “TREZE” E SEUS PERSONAGENS: OS PROTAGONISTAS DO PALCO.

Como já citado anteriormente, o “Treze” é um museu de caráter comunitário, no qual todas as atividades se realizam de forma coletiva, e os principais colaboradores e agentes são os próprios frequentadores. É com o apoio destes, alguns antigos e outros mais atuais, que o “Treze” continua de portas abertas e, a cada ano que passa, se torna uma ferramenta de mobilização, encontros e valorização de traços identitários, na cidade de Santa Maria. São os personagens ou protagonistas, como defino que fazem com que o “Treze” se torne um palco de importantes eventos, debates e ações.

O “Treze” só faz sentido quando levamos em conta esses personagens, sejam eles membros da diretoria, frequentadores, bailarinos, coordenadores de oficinas, visitantes, alunos de escolas, integrantes do movimento negro, integrantes da Associação de Amigos do Museu Treze de Maio, acadêmicos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, simpatizantes, pessoas que participam dos grupos de estudos realizados no museu, juventude negra feminina, dentre outros. Compreendo os personagens do “Treze” como sendo um conjunto: um conjunto de

atores em um importante espaço que necessita deles para manter seus objetivos e fazer sentido, em sua atual proposta de museu de caráter comunitário.

Os personagens do “Treze” são peça fundamental, mas igualmente o são os eventos que nele são realizados, podendo o Museu ser compreendido, assim, como um importante palco de articulação, de mobilização, de encontro, de exposições, etc. Através dos eventos realizados nele, a sua visibilidade se torna maior e, conseqüentemente, o interesse das pessoas em conhecê-lo e visitá-lo também. É essa dinâmica que propicia a troca e circulação de sentidos em nível local.

Entendo o Museu como um espaço permeado por símbolos: símbolos estes que foram compreendidos após várias visitas e um longo tempo de vivência naquele espaço. O Museu é um símbolo de luta do povo negro de Santa Maria; é também um símbolo de resistência frente a inúmeras situações impostas pela sociedade, que não condizem com aquilo que ele almeja, necessita e merece.

A partir da realização deste trabalho, acredito ser possível analisar o Museu e suas diferentes representações na vida das pessoas: representações individuais e coletivas que são divergentes e convergentes, de acordo com a maneira que lançamos nosso olhar. Cada pessoa tem um motivo para frequentar o “Treze”, e a partir de agora, irei abordar de forma mais aprofundada esses personagens e suas motivações e ligações com esse espaço.

No início deste trabalho, citei o Movimento Negro como um dos principais agentes no processo de criação do Museu Treze de Maio. Partindo dessa informação, busquei analisar de que forma se dava a relação entre o Museu e o Movimento Negro da cidade. A partir das entrevistas realizadas foi possível compreender melhor essa relação.

Por meio da constatação de que a atuação do movimento negro santamariense no Museu Treze de Maio não é um fato recente, pois este já se fazia presente desde o processo da criação do “Clube Social Negro” - a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, em 1903, considero que o movimento teve papel de destaque na mobilização e criação do Museu, se fazendo ainda hoje presente nas suas pautas e atividades, o que torna possível fazer alguns apontamentos (Weber, 2014).

Para conceituar movimento negro, faço uso da definição feita pelo historiador Petrônio Domingues (2007, p.101). Segundo o autor:

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural (DOMINGUES, 2007, p.101).

Verifico, a partir da realização deste trabalho, que o movimento negro percebe no Museu um importante espaço de articulação, mobilização e discussão de assuntos importantes para as questões que se encontram em xeque na atualidade, colocando, assim, a comunidade em geral a par das pautas locais, regionais e nacionais. Verifico que o Museu Treze de Maio e o movimento negro de Santa Maria/RS não são convergentes em todos os sentidos, mas, quando necessário, unem-se na busca por conquistas que podem, aos olhos de alguns, parecer pequenas, mas que ainda são extremamente necessárias para a criação de uma sociedade mais igualitária e justa para todos, independentemente de seus pertencimentos étnicos.

Durante as entrevistas realizadas, várias indagações tiveram grande enfoque por parte dos entrevistados, tanto naquelas feitas via e-mail quanto nas feitas pessoalmente. A grande pergunta a ser respondida ao final de todo esse processo é: o que o “Treze” representa para você?” Mediante as respostas dos entrevistados a esse questionamento, vários outros aspectos se tornam compreensíveis. Foram dez respostas completamente diferentes para uma mesma pergunta e, dessa forma, acredito que o objetivo tenha sido alcançado, principalmente pelo cuidado em escolher os informantes e pela busca pela diversidade na faixa etária, relação com o Museu e gênero.

Uma das colaboradoras frequenta o Museu desde 2011 e teve seu primeiro contato a partir de sua entrada para o AFRONTA, grupo de estudantes negros e cotistas da UFSM, cujas reuniões eram realizadas no Museu. Para a entrevistada o “Treze” é:

(...) é uma ponte de encontro, encontro com minha identidade, encontro com a cultura, com minhas referências, com a resistência. Posso dizer que sou uma pessoa antes e outra depois do meu encontro com a discussão racial. É uma identidade que foi e está sendo construída diariamente, e a participação dos eventos, reuniões e conversas com pessoas que fazem parte da construção do MTM me fortalece (BIA, 2013).

Analisando as considerações feitas pela colaboradora, o “Treze”, enquanto Museu, se apresenta como sendo “o maior responsável por todos os resgates que são realizados sobre a temática negra nessa cidade” (Bia, 2013).

Já segundo a fala de Eve, outra entrevistada, “em determinadas épocas, em determinadas situações, é praticamente minha segunda casa. Por vezes, passo mais tempo lá, em função das atividades do grupo, do que na minha própria casa” (Eve, 2013).

A história de Eve com o Museu é diferente da de Bia. Eve frequenta o “Treze” desde a revitalização e criação do Museu, em 2001. Ela é bailarina da Cia de Dança Afro Euwá-Dandaras, e os ensaios dessa companhia de dança são realizados no espaço do Museu. Eve frequenta o Museu todas as semanas.

Outra informante de pesquisa é Fran, que é dinamizadora do Museu desde o ano de 2010. Para ela, o “Treze” representa:

Representa resistência, representa a luta histórica de um povo que lutou e ainda luta pelos seus direitos, para que eles se efetivem, fazendo, ainda como no passado, aquilo que, muitas vezes, órgãos públicos não faziam e ainda não fazem por este povo. O Treze é uma referência para muitas gerações, inspiração para jovens, militantes e pesquisadores negros e pessoas brancas, assim como eu (FRAN, 2014)

Fran é uma das entrevistadas que começou a frequentar o Museu e não parou mais. Essa é outra característica marcante nos frequentadores: eles ingressam no Museu e, geralmente, continuam participando das atividades realizadas.

Quando comecei, atuava como estagiária por disciplina obrigatória, em que desenvolvi várias funções. Em se tratando de um espaço comunitário, realizava desde a limpeza do espaço físico até o trabalho com acervo, higienização e armazenamento de fotos e carteirinhas, organização de eventos (roda de lembranças, encontros, exposições, oficinas), elaboração de materiais de divulgação, criação de áudio-visuais, materiais online, etc. No momento, sigo no Museu na condição de voluntária, realizando também todo tipo de atividades, incluindo reuniões, somando-me na organização das semanas municipais da consciência negra, rodas de lembranças, dia da mulher negra, projetos culturais, etc. Sou membro da Comissão Ponto de Cultura Pretinhsidades do Museu Treze de Maio (FRAN, 2014).

Em alguns casos, pesquisadores realizam seus trabalhos no Museu e, depois de algum tempo, por motivos diversos não conseguem mais frequentá-lo, mas isso

não significa que eles não mantenham mais contato com ele. Esse é o caso de três de meus colaboradores, Humbiumbi, Pati e Augusto. Segundo Augusto:

Quando eu me lembro do MTM, da Giane Escobar e das demais pessoas com quem eu trabalhei e convivi, sinto um carinho e uma saudade muito grande pela instituição. Os dois anos e meio que estagiei no MTM correspondem a uma época de crescimento profissional, acadêmico e pessoal, além de um aprofundamento da minha conscientização política e social. Nas reuniões que tínhamos no MTM, sempre foi repassado a todos que não éramos obrigados, nós estagiários e/ou membros, levantar bandeira pela causa negra, mas se quiséssemos usufruir daquele espaço deveríamos contribuir e, principalmente, ter respeito por ele. Isso foi significativo para mim, pois demonstrou que um objetivo maior de interesse coletivo pode ser atingido na união de esforços sem radicalismo. Aprendi que dificuldades não são obstáculos quando se tem vontade, nunca esqueço, e adoto para mim, a frase que a Giane Escobar sempre me falava: “Vamos fazer dos limões que temos uma limonada”. Antes de me formar eu prestei concurso para a docência na UFAM e consegui êxito, mesmo só com a graduação e concorrendo com pessoas do país inteiro, graças às atividades executadas no Museu comprovadas, mediante atestados e certificados que a instituição me entregou, ou seja, o MTM foi um dos responsáveis por eu ter atingido os meus objetivos da época. Eu só tenho a agradecer ao MTM, pois contribuiu e muito na minha formação pessoal, acadêmica e pessoal (AUGUSTO, 2012).

A fala de Augusto é esclarecedora quando se busca compreender os motivos pelos quais as pessoas que vão ao Museu continuam o frequentando com assiduidade e pelos quais, quando não podem mais se fazer presentes, ressaltam a importância do Museu em suas vidas e o aprendizado que tiveram naquele espaço. Esse é também o caso de Humbiumbi, que não é de Santa Maria e encontrou no Museu um importante espaço de vivência e de pesquisa. Segundo ele, o “Treze” é:

Um rico laboratório capaz de proporcionar aprendizagens significativas à luz de processos museológicos sistêmicos, contemporâneos e comunitários que visem à (re) construção de políticas sociais públicas, de ações afirmativas, da identidade e sociabilidade negras. O MTM é tanto um agente transmissor de cultura quanto um mediador de experiências visuais e expositivas fundamentados pelas vivências de suas gentes. O MTM tem buscado, cada vez mais, uma abrangência interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, a fim de alcançar uma ampliação em seu conceito sociocultural (HUMBIUMBI, 2012).

Humbiumbi é um colaborador que, apesar de não residir em Santa Maria, sempre que volta para a cidade tem conseguido visitar o Museu e participar de algumas atividades realizadas; continua engajado, participa e colabora da maneira

que pode com o Museu. Eu o conheci durante um dos mutirões de limpeza para a pintura das paredes do Museu. Observa-se, dessa forma, que o Museu é espaço de experiência e de criação e partilha de sentidos em relação ao pertencimento e à construção de uma identidade negra local (e não só). Esse espaço pedagógico de aprendizado da diferença e de como valorizá-la é muito importante.

No decorrer da pesquisa observei também que o “Treze” pode ser visto como um local de sociabilidade em Santa Maria. Busquei verificar se os informantes também o percebiam dessa forma, de que maneira se dava essa sociabilidade e qual a importância para os negros na cidade. Para a colaboradora Bia, o Museu:

“É um lugar de acesso livre e democrático. Tanto em dia de atividade quanto em dias em que só será utilizado o espaço, sempre há uma grande receptividade e o interesse, motivando que o ambiente realmente seja ocupado e utilizado em prol da negritude” (BIA, 2013).

Segundo Eve, o “Treze” é “com certeza, aliás, um dos poucos lugares de sociabilidade negra da cidade. [Isso] porque as pessoas se encontram lá, interagem, reforçam os laços de amizade, criam novos laços”.

Já para Pati, o “Treze” é um importante local de sociabilidade na cidade porque:

Nele é possível o encontro entre “iguais”. Em vários espaços na cidade, o único que posso dizer é que nunca me senti “a outra”, no sentido de uma diferença que gera olhares que diminuem e discriminam. Ali tanto o que somos, fazemos e acreditamos têm valor e não é tido como algo de outro mundo ou negado (PATI, 2013).

A colaboradora Fran é ainda mais enfática em sua afirmação sobre o Museu como espaço de sociabilidade na cidade, para ela:

Sem dúvidas também. O Museu Treze de Maio é um espaço de congregação da população negra local. A cidade, de forma geral, fomenta a invisibilidade negra e evoca, de certo modo, na minha opinião, uma descendência imigrante apenas. Por outro lado, a população negra em Santa Maria é muito expressiva, em especial nas periferias. Existem, por outro lado, espaços que conseguem congrega a população negra, especialmente pela cultura, creio eu, onde encontram-se muitos negros reunidos. Um deles é o Museu Treze de Maio, assim como escolas de samba e terreiros, por exemplo. Tentando quem sabe responder o porquê disso, creio que está muito ligado à questão da identidade, por serem espaços que contemplam objetivos em comum da população negra, que realizam articulações de políticas e pautas que envolvem essa população, e também aspectos culturais, como a religião (que ali não sofre

retaliação alguma), a música e a dança, trabalhando com a valorização e autoestima dessas pessoas que, muitas vezes, são esquecidas na cidade, sem políticas públicas específicas e envolvidas em uma sociedade ainda racista. O “Treze”, como espaço de sociabilidade negra, ainda hoje consegue reunir pessoas de diversas gerações, como jovens negros, que inclusive organizam coletivos ali, que participam de oficinas e concursos (beleza do ébano), entre outras atividades, e idosos, que além das atividades amplas do Museu, participam em especial da roda de lembranças, que evoca a memória daqueles negros que, no começo do século XX, ergueram aquele espaço de resistência (FRAN, 2014).

Analisando cuidadosamente as colocações feitas pelos colaboradores, percebemos o quão importante o “Treze” é no sentido de propiciar um espaço que é apropriado por diversas pessoas e de diferentes formas. Do ponto de vista histórico, quando era Clube, esse espaço também representava um importante lugar de encontro dos negros da cidade que ali podiam ter uma sociabilidade regada.

O “Treze” é visto também como um importante local de articulação entre diferentes esferas, objetivando realizar diferentes atividades que, de certa maneira vêm a agregar ainda mais visibilidade às pautas em discussão. Para Humbiumbi, é no Museu que a negritude santamariense se articula e se (re) afirma como negra. Para ele, a negritude:

Usufri deste espaço, como fonte de desenvolvimento social e de aprendizagens significativas. O homem precisa perceber-se no seu meio comunitário local, no contexto cultural em que se encontra inserido e, concomitante a isso, necessita participar de processos culturais mais amplos. Assim, esses conteúdos devem ser buscados na comunidade, que é esse campo de inter-relações humanas, de uma uni-multiplicidade social, econômica, política, e cultural. E é isso que faz do MTM um local de sociabilidade negra (HUMBIUMBI, 2012).

Ressalto, portanto, por meio das considerações feitas acima, que o “Treze” é, com certeza, um importante espaço de sociabilidade de negros e não negros na cidade e, mais do que isso, nele é possível verificar várias e diferentes formas de sociabilidade.

Quando disserto sobre o “Treze” como uma ferramenta e um local no qual são construídas e valorizadas as identidades dos negros da cidade, essa não é uma colocação que se dá ao acaso. A partir do trabalho de campo, é perceptível e compreensível a influência do Museu nessa questão, especialmente por realizar várias atividades que têm por objetivo dar mais visibilidade à beleza negra e mostrar

que se faz cada vez mais necessário afirmar essa identidade. Um exemplo lembrado nas falas dos colaboradores é o do concurso “Beleza do Ébano”. Segundo a entrevistada Bia:

Desde o concurso de escolha da bela e belo do ébano, incentivando a discussão e liberdade da estética e expressão da negritude, a apresentação das Dandaras e os eventos com discussões mais densas. Sempre que frequento, saio com energias e força renovadas e motivada a defender essa identidade (BIA, 2013).

Os colaboradores ressaltam também que essas identidades se encontram em constantes mudanças, de acordo com Pati:

Especialmente quando entendemos que essa identidade está em constante mudança e a dificuldade que temos em nos ver enquanto pretas e pretos em um país que sofre as esquizofrenias e agressões diárias do racismo e seus reflexos: violência, processo de branqueamento físico e cultural... Vejo como um lugar de possibilidades de tornar ser pretX em movimento numa perspectiva positiva (PATI, 2013).

Além de ser lembrado como um local de identidade, de articulação e de sociabilidade, o “Treze” é tido também como um lugar no qual afloram e se criam laços de pertencimento: pertencimento ao local, à história e ao grupo. Segundo a entrevistada Fran:

Creio que um dos aspectos que faz o Treze seguir sendo um grande espaço de congregação negra é justamente a questão do pertencimento. Numa cidade que os torna diariamente invisíveis, este espaço, ao apresentar a história, a cultura e a estética negras passa a ser um referencial para muitas pessoas, fortalecendo, quem sabe, um aspecto de pertencimento, de valorização, fazendo com que muitas pessoas negras, como me foi relatado por amigos e colegas, sintam-se “em casa”, sentindo-se acolhidos, o que não ocorre fora dali, como em escolas, na universidade, em bares, etc. Conheço muitas pessoas que se empoderaram enquanto sujeitos negros, e creio que muito deste processo seja devido à participação dentro do “Treze”, pessoas que passaram a assumir-se enquanto negros, a valorizar sua estética e reafirmar um compromisso social e político com a “causa negra” (FRAN, 2014).

O cabelo e a estética negra são características marcantes no espaço do Museu, desde a época em que ainda era um “Clube Social”. Naquele período, havia grande preocupação com a estética, principalmente por parte das moças em eventos do “Clube”, as roupas e cabelos deveriam estar sempre de acordo com o solicitado

para a ocasião. Hoje em dia, essa preocupação ainda é grande. Nesse sentido, ressalto as considerações feitas por Gomes (2003), em seu estudo sobre o corpo e cabelo como sendo um símbolo da estética negra. Segundo a autora:

Assim, os salões são lugares em que se cruzam projetos individuais e sociais desenvolvidos em meio a instabilidades, conflitos e negociações. Cada um encontra maneiras variadas de comunicar a sua proposta de estética negra e o seu trabalho enquanto profissional da beleza. Ao longo dos anos, esses espaços transformam, alteram e substituem os seus projetos devido às mudanças no campo da estética, das novas tendências da moda, do mercado de produtos étnicos e das transformações sofridas no campo das políticas de identidade. Através da sua prática cotidiana e dos seus projetos, os salões étnicos tentam consciente e inconscientemente dar um sentido ou uma coerência a uma experiência identitária fragmentada vivida pelo negro (GOMES, 2003, p.12).

A característica do “Treze” de ser um local em que as pessoas se sentem pertencentes fica evidente na medida em que se frequenta o Museu, que se conhece sua história e se passa fazer parte dela. Quando frequentamos o “Treze”, temos a impressão de que fazemos parte dele, que estamos ali para dar e receber e que tudo funciona na coletividade. Uns precisam dos outros e é isso que torna o espaço tão colaborativo, pois é bom sentir-se útil, parte e atuante no Museu.

A criação do Museu Treze de Maio foi algo importante para a cidade de Santa Maria, não somente para a população negra, mas também para a própria história da cidade de uma forma ampla. O “Treze” tem agregado muito desde o período em que ainda era um clube social negro, demarcando na cidade um lugar de luta, de resistência, de visibilidade e de vitória desse povo. Seja como clube ou como museu, o “Treze” veio a somar nas lutas diárias dos negros de Santa Maria.

Para a entrevistada Fran, a criação do Museu Treze de maio foi algo extremamente importante, porque, segundo ela:

(...) há todo um sistema para que os negros não tenham visibilidade na cidade e assim não consigam, a priori, efetivar seus anseios, entre eles, os culturais e políticos, por exemplo. Como colocado em respostas anteriores, moro na cidade e no bairro do Rosário desde que nasci e nunca soube da existência de espaços negros até encontrar o “Treze” e assim conhecer não só ele, mas a Irmandade do Rosário, o União Familiar, as várias escolas de samba e algumas comunidades de terreiro. Ter um espaço que se comprometa com a memória, história, cultura e política para essa população, que foi tão violentada aqui no estado como em outros tantos lugares do país, colaborou com seu trabalho e sua cultura, é fundamental. O racismo, ainda que considerado crime, é muito presente hoje. Vejo pelos relatos de amigos que falam não sentirem-se bem em vários outros

locais da cidade, de forma muito sutil, são olhados de maneiras diferentes, quando não ignorados, e nesse espaço podem sentir-se bem, podem se reconhecer, achar seus iguais, conhecer mais de sua história e cultura, muita vezes, negligenciada em escolas. E a nós brancos, esses espaços vêm muito para nos ensinar, lá no “Treze” aprendi muitas coisas, coisas que a universidade por si só não ensinaria e não ensina. Pude conviver com pessoas negras, pude conhecer histórias negras, pude colocar-me à disposição dessa luta. Hoje, como mencionei antes, ajudo a contar a história de outro clube negro local e isto creio que devo ao “Treze” também. Ter esse espaço é fundamental para acabar com a visão negativa historicamente divulgada sobre o povo negro (FRAN, 2014).

Já para Humbiombi, a criação do Museu não foi apenas importante, mas também necessária no sentido de ser uma importante ferramenta para se preservar a memória afro de Santa Maria. Segundo ele:

Entende-se, também, que os Clubes Sociais Negros são ainda locais de resistência, resiliência e sociabilidade, e têm se mantido, apesar das adversidades, com o intuito de proporcionar o lazer e a recreação à comunidade negra, tal qual nos anos idos, em meio à intensa segregação racial que assolava o país. Sob a luz de processos museológicos contemporâneos, comprova-se que criar ecomuseus e museus comunitários nos espaços de clubes e sociedades negras ameaçados de fechamento é avançar na política de reconhecimento da contribuição do povo negro no desenvolvimento de nosso País, é preservar e garantir a memória local, é documentar e divulgar bens materiais e imateriais de valor histórico e cultural relacionados à cultura africana e afro-brasileira. É trabalhar no sentido de promover o combate à discriminação, o preconceito e o racismo através de suas exposições, falas, material gráfico informativo, etc; é oportunizar oficinas culturais que visem ao lazer e à geração de trabalho e renda, bem como à autossustentabilidade, como: cursos de artesanato afro-étnico, música, dança afro, percussão, capoeira, teatro, coral, etc. É contribuir na construção de uma sociedade igualitária e justa (Humbiombi, 2013).

Compreendo, portanto, que no Museu Treze de Maio os indivíduos/frequentadores interpretam reflexivamente suas realidades e, conseqüentemente, acabam por intervir nela. Ressalto ainda que, no “Treze” algumas pessoas podem ser vistas como “agentes”. Segundo Ortner:

Os jogos sérios sempre implicam o jogo de atores vistos como “agentes”. Contudo, a própria palavra “agência” tem algo que remete ao ator autônomo, individualista, ocidental. De fato, as próprias categorias que historicamente estão por trás da teoria da prática, a oposição entre “estrutura” e “agência”, parecem sugerir um indivíduo heróico – O Agente – enfrentando uma entidade tipo Cyborg chamada “Estrutura”. Mas nada poderia ser mais distante da maneira como enfoco os agentes sociais, encarando-os como estando sempre envolvidos na multiplicidade de relações sociais em que estão enredados e jamais podendo agir fora dela.

Assim sendo, assume-se que todos os atores sociais “têm” agência, mas a idéia de atores como sempre envolvidos com outros na operação dos jogos sérios visa a tornar praticamente impossível imaginar-se que o agente é livre ou que é um indivíduo que age sem restrições (ORTNER, 2007, p. 47).

O “Treze” é um espaço em que se faz necessária a atuação das pessoas, não basta apenas assistir, é necessário atuar e, no espaço do Museu, isto se torna possível, há inúmeros atores que fazem daquele espaço o seu palco e, dessa maneira, lhe dão sentido.

3.2- O “TREZE” E A MEMÓRIA.

Compreendo que a memória e seus processos de construção (Santos e Zanini, 2009) é uma característica central, ao estudar o “Treze”, porque acredito que ele pode ser visto como um lugar de memória. Segundo Nora (1993),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada, sobre focos privilegiados e enciumados guardados nada mais faz do que levar a incandescência à verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p.13).

O “Treze” pode ser visto também como o que Possamai (2010, p.66) denomina “de Museu Guardião”, no que tange às motivações das pessoas para doar seu material e às expectativas que têm ao fazê-lo. Segundo a autora, o museu é “depositário dos objetos destituídos de lugar na vida dos indivíduos, mas que, *por seu valor*, não merecem desaparecer” (Possamai, 2010, p. 66):

Nesse sentido, o museu é representado como um *guardião*. Guardião dos objetos, mas também dos significados, das lembranças, das memórias, do passado, das lembranças da infância e da juventude que eles carregam, enfim, de tudo que se considere importante para perdurar, “para ficar”, “para não se perder”. Pouco importa se esses objetos nunca mais serão vistos ou se o depoente irá um dia visitar o museu para relembrar aquilo que está depositado com eles. Não importa, pois se sabe que lá está “seguro”, “cuidado”, “guardado”. Se os objetos depositados no museu estão a salvo, pode-se permitir esquecer a sua existência, como ocorreu com alguns depoentes que não recordavam terem feito a doação há vários anos (POSSAMAI, 2010, p.68).

Grande parte das pessoas que doa suas “lembranças” ao Museu o faz por acreditar que, dessa forma, seus objetos estarão mais bem guardados e que, assim, podem ser vistos pelos demais, de uma forma mais ampliada do que se tivessem ficado consigo, simplesmente. Outra motivação para fazer a doação é o medo que as pessoas têm de que, após a sua morte, esses objetos se percam ou que os outros não saibam dar a eles o valor merecido. Não é qualquer objeto que é levado ao museu. As pessoas doam aquilo que elas realmente acreditam que mereça ser guardado para a posteridade.

Assim como não cabem mais no guarda-roupa, no armário ou em casa, os objetos em desuso no dia-a-dia parecem ter um fim único: o desaparecimento. Essa é uma das principais preocupações apontadas por doadores em relação àqueles objetos entregues ao museu. Eles acabariam “indo fora”, “indo para o lixo”. No entanto, levados para o museu, eles seriam “guardados” (POSSAMAI, 2001, p. 90).

No caso do Museu Treze de Maio, podemos verificar as mesmas motivações para se guardar objetos assinaladas por Possamai (2001) ao se referir a Porto Alegre, principalmente quanto às atas do antigo “Clube Social”. A maior parte do material que hoje se encontra no Museu foi recuperada por meio de doações de pessoas que acreditavam que os documentos ficariam guardados de maneira mais adequada nesse espaço.

De acordo com Mauss (2003), o dom é algo que vincula as pessoas às coisas: quando criamos relações nos vinculamos aos outros e são esses vínculos que estabelecem os laços sociais. No caso do Museu, há uma relação de troca, entre dar e receber. As pessoas, ao doar seus objetos para a entidade, desejam que eles sejam bem guardados. Percebo, nesse sentido, uma relação de reciprocidade ou, ainda, um pacto de confiança.

Nossas memórias são selecionadas, inventadas, construídas, articuladas e, por vezes, incorporadas. Inclusive, em algumas ocasiões, incorporamos discursos que não pertencem a nós, mas os relatamos como sendo nossos. É algo complexo tratar sobre a memória, pois, quando se fala nela, remetemos diretamente a relações de poder (Pollak, 1989; Zanini, 2006). A maneira como vemos certos acontecimentos nos mostra que até mesmo a forma como construímos as imagens das coisas não é algo neutro. Assim como a memória, a nossa imagem das coisas também é seletiva,

o olhar difere de pessoa para pessoa, cada um tem a sua imagem dos acontecimentos. A memória é, portanto, também uma construção social negociada.

As pessoas idosas podem ser vistas como sendo grandes responsáveis pela manutenção das memórias. É por meio dos mais velhos que elas são passadas de geração em geração. Eles são, dessa forma, a meu ver, portadores e transmissores de memória.

Quanto à memória do “Clube Social” (a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio), foi grande a necessidade que os seus frequentadores sentiram de mantê-la atualizada. Após a decadência do “Clube”, que ficou fechado por vários anos, um grupo de pessoas se uniu para tentar, de alguma maneira, se apropriar daquele espaço com o intuito de revitalizá-lo e de disseminar a sua importância para a população negra santa-mariense.

O Museu Treze de Maio é um de vários outros exemplos que poderiam ser citados para exemplificar como as consequências da atividade ferroviária na cidade continuam em evidência no nosso cotidiano. Há outros clubes que foram criados por ferroviários, bem como a Vila Belga¹⁵, que é uma vila da cidade na qual os ferroviários estabeleceram residência no passado, hoje considerada patrimônio histórico, também pode ser vista como um lugar de memória.

Há uma relação direta entre memória e identidade, ou melhor, entre a construção da memória e a construção da identidade. Alguns autores já abordaram essa relação, entre eles, Pollak (1989). Atividades como a Roda de Lembranças, por exemplo, possibilitam que memórias individuais sejam partilhadas em grupo e passem a ter sentido também na coletividade, mantendo “viva” a memória dessas pessoas.

O Museu Treze de Maio realiza várias atividades que objetivam a atualização da memória, principalmente a memória dos frequentadores do antigo “Clube”, cujos princípios e conquistas continuam sendo compartilhados de forma a demonstrar o quão importante foram na busca de melhores condições de lazer, de sociabilidade e de aceitação perante os outros, tal como expresso na seguinte fala:

¹⁵ A Vila Belga é uma vila localizada no entorno da gare da estação férrea, na cidade de Santa Maria/RS. Nessa localidade, residiam e ainda residem pessoas que trabalharam na ferrovia. É um espaço reconhecido pela arquitetura característica, lembrando que a atividade ferroviária na cidade teve investimentos de uma empresa da Bélgica que a administrou, durante certo período.

A maioria das pessoas não têm um olhar apurado para entender que tudo que nossos mais velhos passaram anteriormente e o que passamos ainda hoje em termos de discriminação racial faz com que a nossa história seja invisibilizada, assim como nós mesmos dentro dela. É como se aprendêssemos que o que temos não tem valor, assim como o que somos, a começar pelos nossos corpos. Ter espaços que nos representam verdadeiramente, que tornam possíveis os encontros é essencial. O Museu foi onde eu descobri que sim, em Santa Maria, “tinha” e “tem” negros. Ele é um ponto de encontro, mas não podemos pensar que esse encontro é apenas presente, ele é passado também; porque apesar de dizerem que não se vive de memórias, sem história ninguém existe (PATI, 2013).

Ao indagar um de meus colaboradores sobre o Museu Treze de Maio ter importância na memória dos negros na cidade, ele respondeu:

Sim, o MTM é um espaço de memória dos negros local, ao promover oficinas com temáticas afro (percussão, dança afro, capoeira e teatro), o qual garante a perpetuação da memória da cultura imaterial. As oficinas explicam a simbologia, o saber fazer e a importância de cada manifestação. A conservação/custódia do patrimônio documental é outro elemento que relaciona o MTM à memória dos negros de Santa Maria, pois nesses [documentos] estão contidas informações sobre as atividades e interesses institucionais. Informações significativas das atividades dos negros de Santa Maria (pelo menos da elite desse grupo social que frequentava o MTM) presentes em um clube social estão contidas nos documentos (bailes, relações interinstitucionais, promoções, comportamentos, funcionários e colaboradores, ideologia, simbologia, identidade, representatividade, ferrovia, entre outros), dentro do contexto social e espacial de cada época. Lembro-me das intencionalidades futuras existentes para o MTM na época em que eu estagiava, como a institucionalização da cozinha e da biblioteca afro, para que a instituição se tornasse, junto com as demais ações, referência no tema. O MTM, ao se utilizar do antigo prédio da SCFTM e conservá-lo, como era na época do clube, guarda a memória dos negros de Santa Maria, mediante o patrimônio arquitetônico (interessante ler as atas e demais documentos que falam sobre isso). O MTM é um local de memória dos negros não apenas de Santa Maria, mas também em âmbito nacional, por trabalhar com a temática dos clubes sociais negros, cadastrando e organizando um acervo sobre e difundindo essas informações no portal específico (<http://www.clubessociaisnegros.com.br/>). A instituição é hoje um agente social de suma importância e de um papel significativo dentro da sociedade Santa Mariense que deve ser valorizada e perpetuada como um todo (AUGUSTO, 2013).

A fala desse colaborador ressalta o que havia dito anteriormente, que o “Treze”, em sua totalidade, seja como clube ou como museu, tem grande importância na memória dessas pessoas. Arrisco-me a dizer que, devido à dimensão de suas atividades passadas e atuais, ele faz também parte da história da cidade, uma história que continua sendo colocada em foco para fazer com que outras pessoas conheçam, frequentem e participem da instituição.

A concepção da importância do “Treze”, tendo reconhecimento fora do grupo e da cidade, também é algo presente na fala dos informantes, que ressaltam que o Museu possui dinamizadores de várias partes do país, os quais, à sua maneira, continuam mantendo contato e divulgando o Museu:

Com toda a certeza! O Museu Treze de Maio é reconhecido nacional e internacionalmente por seu incessante trabalho na preservação da memória negra da SCFTM, da comunidade negra santa-mariense e da comunidade afro-brasileira. É importante ressaltar que entre tantas atividades desenvolvidas pelo MTM, uma das principais e/ou senão a mais deslumbrante de todas as atividades é a famosa Roda de Lembranças! As Rodas de Lembranças são ações museais que dão vida ao “Treze”, por meio da memória oral e da expressão popular da comunidade negra de Santa Maria (...) reafirmando-se como um espaço de memória, resistência e sociabilidade negra, além de elevá-lo à categoria de espaço capaz de proporcionar ricas pesquisas e aprendizagens significativas (HUMBIUMBI, 2013).

Compreendo que as memórias do “Treze” se mesclam com a história da cidade de Santa Maria, devido ao seu impacto na vida e nas lembranças das pessoas que tiveram contato com ele. O espaço do “Treze” como Museu possibilitou o desenvolvimento de mecanismos de valorização dessa memória. É pelas intervenções e interações entre as pessoas que o frequentam que ele passa a fazer sentido, tornando-se um importante elo, e mais do que isso, uma ferramenta de rememoração da memória, da identidade, assim como um importante local de sociabilidade de negros na cidade.

3.3- V RODA DE LEMBRANÇAS: COMPARTILHANDO E VALORIZANDO MEMÓRIAS DA SOCIEDADE CULTURAL FERROVIÁRIA TREZE DE MAIO.

A Roda de Lembranças é uma atividade realizada no Museu Treze de Maio com o objetivo de compartilhar e relembrar vivências dos antigos frequentadores da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. Ela foi uma forma encontrada para levar essas pessoas ao Museu e de, a partir de metodologias e temas previamente escolhidos, tentar compartilhar as suas lembranças com os demais presentes.

Na noite de 29 de novembro de 2013, ocorreu a V edição da Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio, cujo tema foi “Presidentes e Diretorias do

Clube Treze de Maio”. A motivação para a escolha dessa temática foi o intuito de prestar uma homenagem aos ex-presidentes do “Clube” e às suas diretorias.

No ano de 2013, participei das reuniões que objetivavam planejar a Semana da Consciência Negra na cidade de Santa Maria. As atividades foram pensadas durante vários meses e aconteceram muitos encontros de planejamento. No momento em que foram solicitados voluntários para ajudar a organizar a V Roda de Lembranças, coloquei-me à disposição e, pela primeira vez em vários anos, pude presenciar e fazer parte de todo processo de realização de uma “roda”.

A organização da Roda ficou a cargo do Núcleo de Educação e Pesquisa Etno-Histórica do Museu Treze de Maio, composta por seis integrantes: Letícia Aguiar, Giane Vargas Escobar, Franciele Oliveira, Nayra Silva, Luis Henrique e eu. Durante o período que antecedeu a Roda, realizamos em torno de dez reuniões para pensar a dinâmica e a estrutura do evento. Nosso ponto de encontro para as reuniões foi a Casa de Cultura, que se localiza em frente à Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade de Santa Maria. Entre conversas, sucos, refrigerantes, cafés e “colocação dos papos em dia”, aos poucos, nossa proposta foi tomando forma. As reuniões de planejamento foram importantes no sentido de proporcionar maior compreensão sobre as etapas, contatos e metodologia da Roda.

Vários aspectos foram discutidos ao longo dos nossos encontros, os quais diziam respeito a apoios para a realização do evento, à elaboração dos convites e dos certificados a serem entregues na homenagem, à limpeza do Museu, à decoração do local, à divulgação, fotografia e filmagem, ao coquetel de encerramento da Roda e às visitas aos homenageados para levar-lhes os convites.

Como citado anteriormente, a V Roda de Lembranças ocorreu no dia 29 de novembro, uma sexta-feira. Escolhemos o horário das 18 horas para que fosse possível a participação de pessoas que trabalhavam durante o dia. Contamos com o apoio dos “Belos e Belas de Ébano¹⁶” para recepcionar os convidados.

¹⁶ Os “Belos e Belas de Ébano” são escolhidos durante a programação da Semana da Consciência Negra do Museu Treze de Maio, quando se realiza um evento denominado “Beleza de Ébano”, em que acontece um desfile de candidatos, previamente inscritos, que concorrem ao título de “Mais Belo e Mais Bela Beleza de Ébano. Os escolhidos representam o Museu em várias atividades.

Na imagem disposta na sequência, é possível visualizar o convite da V Roda de Lembranças. Cada detalhe foi pensado e discutido, tendo sido seu planejamento gráfico e confecção feitos pelos integrantes Nayra e Luis. Há um detalhe na borda superior direita do convite que possui as cores da bandeira do “Clube Treze de Maio”. A justificativa para colocarmos esse detalhe foi verificar se as pessoas presentes na Roda reconheceriam as cores e seu significado.



Imagem 25: Convite da V Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio.
 Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Na próxima imagem, aparece o salão do Museu poucos instantes antes da chegada dos convidados. A organização do espaço foi feita com muito carinho, pensando na melhor forma de realizar a dinâmica e proporcionar uma maior interação entre os presentes. Podem-se ver, novamente, as cores da bandeira do “Clube Treze de Maio”, agora na mesa onde ficaram os responsáveis pela filmagem e divulgação do evento.



Imagem 26: Organização do salão para V Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio.
Foto: Geanine Escobar. Fonte: Blog do Museu Treze de Maio.
<http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

A estrutura e o cronograma da Roda foram divididos em sete momentos, para que fosse possível estabelecer certa ordem às atividades e controlar a duração aproximada de cada momento. Houve preocupação de parte da equipe para que o evento não se estendesse muito, pois tinha-se conhecimento de que várias pessoas, a maioria delas, era de idade avançada. Também compreendíamos a sua dificuldade em se fazerem presentes na Roda. Nossa maior preocupação foi o bem estar dos convidados e a qualidade do evento.

O primeiro momento ocorreu às 18 horas, com a visita à exposição “Olhares Negros”. O público foi recepcionado pelos Belos e Belas de Ébano escolhidos nos anos de 2011, 2012 e 2013. Cada pessoa que chegou se apresentou aos recepcionistas e assinou o Livro de Presenças. Nesse momento, os Belos e Belas perguntaram a cada um dos presentes se eles haviam feito parte de alguma diretoria do “Clube” e se têm alguma ligação familiar com algum dos presidentes. No caso da resposta afirmativa, a pessoa se identificava e falava qual o cargo que exercia no “Clube” ou o grau de parentesco que possuía com algum antigo diretor. Essa pessoa recebia, então, um número, o qual foi anotado para ela, pelo recepcionista, bem como anotado em uma lista separada, para depois ser entregue à equipe. Havia também uma pessoa da equipe de organização encarregada da recepção dos convidados.



Imagem 27: Visitação à exposição “Olhares Negros”.

Foto: Aline Escobar.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

No segundo momento, às 18:30 horas, logo após a visita da exposição, o público foi direcionado ao 2º piso do Museu, no qual encontraram um grande mural com fotos de antigas diretorias do “Clube Treze de Maio”. Os presentes foram convidados a escreverem um espaço destinado para a descrição das fotos. Colocaram-se à disposição canetas e pincéis atômicos, para estimular a expressão e fazer com que as pessoas se identificassem com a exposição, bem como que aqueles que reconhecessem algum dos personagens das fotos escrevessem ali mesmo os nomes das pessoas reconhecidas.

Cabe ressaltar que esse foi um momento maravilhoso, em que tive o privilégio de acompanhar a chegada dos convidados ao salão. Como o painel montado era bem grande, não havia como passar despercebido. As pessoas chegavam e, imediatamente, olhavam para o painel, quando suas faces demonstravam uma mescla de curiosidade com emoção. Ao se aproximarem, explicávamos¹⁷ que estávamos tentando identificar as pessoas das fotografias e perguntávamos se eles reconheciam alguém.

Os resultados desse momento foram várias anotações com pessoas que os convidados reconheceram. Várias histórias surgiram nas lembranças, a partir da evocação que as fotografias proporcionaram. Também criou-se um clima muito

¹⁷ Eu fazia parte da equipe.

A Coordenadora da V Roda de Lembranças, Letícia Aguiar se apresentou, assim como a equipe organizadora. Letícia fez um breve relato e uma rápida retrospectiva das quatro últimas Rodas de Lembranças, salientando o porquê de no ano de 2013 termos como tema os presidentes e diretorias do “Clube”. Falou também um pouco da história “do Treze” e das transformações pelas quais o espaço passou ao longo de mais de um século.

Foi solicitada a observação de algumas regras como: desligar celulares ou deixá-los no silencioso; que haveria um tempo para cada fala, para dar voz a todos; que não estávamos ali para julgar nenhuma gestão, de modo que o objetivo não era criticar e sim buscar os pontos positivos de cada gestão, pois todas deixaram o seu legado e a nós cabia preservar e valorizar tudo isso.

No momento de abertura, enquanto os convidados se sentavam, Geanine Escobar¹⁸ e Hellen Ortiz cantavam músicas.



Imagem 30: Geanine e Hellen: Recepção com música.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

O quarto momento foi de apresentação. Todos os participantes receberam um crachá em branco. Em duplas, as pessoas conversaram por cerca de 10 minutos e se apresentaram umas para as outras. Nesse momento preencheram os crachás umas das outras. A dinâmica consistia em um apresentar o outro (dados do crachá: nome da pessoa, ocupação e envolvimento com o “Clube Treze de Maio” ou o Museu Treze de Maio). Logo após essa conversa entre os pares, as pessoas foram

¹⁸ Filha de Giane Escobar e também militante do movimento negro, na cidade de Santa Maria.

convidadas a se deslocar até o centro do salão, a se apresentar para o público e a colocar os crachás umas nas outras. Esse momento foi de bastante descontração. O interessante da dinâmica é que todas as pessoas participaram e a maioria não se conhecia, tornando, assim, a metodologia eficaz.



Imagem 31: Dinâmica de apresentação dos presentes.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

O quinto momento foi de entrega dos certificados aos presidentes e/ ou familiares dos gestores pelos membros da equipe organizadora. Durante a entrega, o músico Luis Silva tocou músicas. Os certificados foram assinados por Marta Nunes- Diretora Técnica do Museu Treze de Maio. No verso do certificado havia o seguinte texto:

Querido(a) amigo (a)_____ receba essa homenagem do Museu Treze de Maio em virtude de sua colaboração no antigo clube, Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, da qual temos a missão de contar a história, de não deixá-la morrer. Queremos lhe agradecer! As sociedades negras, antes de mais nada, são seus membros, as pessoas que a construíram, que a mantiveram e que plantaram as primeiras sementes, que estamos até hoje, em 110 anos, colhendo. Você é uma dessas pessoas! O nosso muito obrigada!



Imagem 32: Certificado entregue aos presidentes e/ou membros da diretoria.
 Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Durante o sexto momento, foram elencados temas que podem ser considerados geradores de lembranças, como, por exemplo, a construção do novo prédio do “Clube Treze de Maio”, os jornais “A Voz do Treze” e “O Tigre”, os carnavais de rua e de salão, os concursos de rainha da Sociedade, a relação com o Clube União Familiar, o vínculo com outros clubes negros fora de Santa Maria, a relação política e cidadã. Cabe ressaltar que os participantes eram convidados a falar, mas tinham a liberdade de optar se queriam falar ou não.

Alguns dos temas escolhidos para gerar o debate não eram de pleno conhecimento dos participantes da roda, tendo sido aqueles escolhidos a partir das conversas rotineiras e de informações encontradas nos documentos do “Clube”. Os temas sobre os quais os participantes não souberam falar tratavam de possíveis jornais do “Clube” e também da presença de famosos em suas festas como, por exemplo, a cantora Alcione. São assuntos dos quais as pessoas já tinham ouvido falar, mas não podiam afirmar sua veracidade.

Esse momento da roda me fez lembrar um dos escritos de Erving Goffman, “*A Representação do Eu na Vida Cotidiana*” (1985), no qual o autor reflete sobre a *performance* e compara a vida das pessoas a uma peça de teatro em que todos interpretam. A roda se assemelha a essa ideia, no sentido de que, nela, cada um tem seu papel e o representou da maneira que julgou adequada: havia os atores, os espectadores, os organizadores, etc. O “Treze” se tornou, nesse momento, um grande palco no qual o *self* interagiu consigo e com os outros. É um momento de rememoração e de compartilhamento de lembranças.

O sétimo momento foi o momento final, em que foram feitos os agradecimentos à presença de todos e a finalização da V Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio. Aconteceu, então, a circulação de fotografias que os antigos sócios trouxeram para mostrar ou doar para o Museu. Posteriormente, as pessoas foram orientadas a descer para o coquetel.



Imagem 33: Compartilhamento de fotos.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>



Imagem 34: Confraternização/coquetel.

Fonte: Blog do Museu Treze de Maio: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>

Participar da organização, planejamento e realização da V Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio foi um privilégio, uma experiência incomparável que agregou muito à compreensão dos significados e das relações

entre os antigos e atuais frequentadores do “Treze”. Considero necessário fazer alguns apontamentos sobre essa experiência.

A Roda de Lembranças pode ser vista como um momento ritual (Turner, 1974), pois, ao participar dela, os personagens se “transformam”, deixando de lado a *estrutura* cotidiana e passando para outro momento que a Roda lhes possibilita, a *comunnitas*. O participante presencia um estado de comunidade ou comunhão em que os indivíduos, ali, naquele contexto, são vistos como iguais. Ele pode sair transformado ou não desse momento, retornando, após o evento, novamente, a sua estrutura inicial. Esta volta ao mundo de fora do Museu, contudo, foi trabalhada pelas experiências ali compartilhadas.

No dia 29 de novembro de 2013, cheguei às 17 horas no Museu Treze de Maio. A atividade iniciou apenas às 18 horas, mas a ansiedade e expectativa fizeram com que eu chegasse mais cedo para ver se estava tudo em ordem e realizar os últimos preparativos para a tão esperada Roda. Fui a primeira a chegar ao Museu naquela tarde e aguardei alguns minutos até os amigos Nayra e Luis virem.

A sensação de estar ali naquela tarde foi diferente, pois tinha a certeza de que o encontro seria especial e que, de alguma forma, me surpreenderia positivamente. Aos poucos, os demais integrantes da equipe de organização foram chegando; colamos o painel de fotos na parede; organizamos o coquetel e procuramos conter a ansiedade que tomava conta de todos nós. Os convites haviam sido feitos, restava agora ter a certeza de que os convidados compareceriam.

Recordo-me que por volta das 17 horas e 50 minutos, a Giane subiu até o salão onde estávamos fazendo os ajustes finais e voltou com um sorriso enorme no rosto e um brilho intenso no olhar, pois, de fato, a notícia que ela trazia era a melhor possível. Ela se aproximou de nós e exclamou: Gurias que alegria! Temos uns 400 anos sentados ali embaixo! No início, não havia compreendido corretamente o que isso queria dizer, mas aos poucos entendi. Naquele momento, haviam chegado ao Museu quatro de nossos convidados que tinham quase 100 anos cada um. Aquele momento foi especial, pudemos ter a certeza de que nossos convites haviam sido aceitos e corremos para receber nossos convidados.

Durante a realização da roda também aconteceram fatos que me marcaram. Um deles se deu quando comecei a prestar atenção nas faces dos participantes da

roda e vi que todos sorriam. Alguns, por vezes, se emocionavam e, na medida em que a conversa ia fluindo, as lembranças surgiam e eram compartilhadas. Nosso público foi de diversas faixas etárias, de modo que havia desde crianças, adolescentes, filhos e netos de antigos integrantes das diretorias, bem como aqueles mais idosos, que foram presidentes ou integrantes da diretoria do “Treze”.

Ao final da Roda, aconteceram vários agradecimentos, que vieram de nossa parte enquanto equipe de organização, mas, principalmente, de parte dos convidados, no sentido de agradecer ao convite e a possibilidade de estar ali, de se sentir bem e de poder entrar novamente no “Treze”. Um dos homenageados ressaltou a importância que aquele momento teve para ele, tendo sido um momento maravilhoso, pois foi a primeira vez que ele entrou novamente no “Treze” após o fechamento do antigo “Clube”.

Com o encerramento das atividades, alguns aspectos e sentimentos ficaram ainda mais fortes. Pela primeira vez, pude presenciar, desde o início, a elaboração e realização da Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio e, somente com essa observação e participação, compreendi a importância dessa atividade para os frequentadores do Museu.

Realizar anualmente a Roda de Lembranças é, com certeza, um desafio, principalmente pela dificuldade de encontrar, visitar e continuar mantendo contato com os antigos sócios e frequentadores do “Clube Treze de Maio”. Esses personagens são o principal motivo da realização do evento, pois dão voz e vida à Roda, compartilhando suas vivências e memórias.

A sensação de estar presente na Roda foi maravilhosa. Já havia participado de outras edições, mas, nada se compara a esta. Ver o brilho nos olhos daquelas pessoas mexeu comigo. Compreender o orgulho que sentem de terem frequentado aquele espaço, também. Acredito que esse momento colaborou muito no sentido de valorizar a memória dessas pessoas e de mostrar a nós que aquele é um espaço de memória, de resistência e de valorização dos negros em Santa Maria. Nesse sentido, experimentei a noção de que o campo de pesquisa também nos transforma enquanto indivíduos e seres sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A cidade de Santa Maria/RS, assim como inúmeras outras, teve seu desenvolvimento marcado de forma positiva pela atividade ferroviária. Durante vários anos, esta alavancou a economia santa-mariense, possibilitando aos seus funcionários uma posição de *status* perante os demais profissionais, o qual ainda é evidente na atualidade.

O fato de os profissionais ferroviários terem uma situação econômica favorável possibilitou a criação dos primeiros clubes sociais na cidade, mas estes, infelizmente, não eram abertos à população negra, independentemente de sua situação econômica. É nesse contexto de possibilidades e impossibilidades que os ferroviários negros da cidade se uniram e decidiram criar para si e para suas famílias um clube social negro.

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio foi criada no ano de 1903, com esforço mútuo desses ferroviários negros, cuja iniciativa acabaria por favorecer inúmeras pessoas que passaram a frequentar esse clube. Algumas características do “Clube” permanecem presentes na fala dos santamarienses, principalmente seu caráter de rigidez, os grandiosos bailes realizados, as roupas e bons comportamentos necessários para frequentá-lo. Suas atividades encerraram definitivamente no início da década de 1990.

O espaço do “Clube” teve tamanha influência na vida de seus frequentadores que, com o passar dos anos, se sentiu a necessidade de revitalizar aquele lugar. Essa revitalização ocorreu no ano de 2001, com a transformação do espaço em um Museu de Caráter comunitário. Nesse Museu, o principal acervo é proveniente da documentação do antigo “Clube” e sua principal missão é salvaguardar o patrimônio da entidade.

A cidade reconhece a importância histórica do local, tanto que, no ano de 2004, ocorreu o tombamento do prédio, que passou a fazer parte do patrimônio histórico e cultural da cidade de Santa Maria.

Com a criação do Museu, passaram a ser realizadas várias atividades no espaço do antigo “Clube”, como grupo de estudos, reuniões dos coletivos negros da cidade, reuniões da Juventude Negra Feminina, aulas de samba, ensaios da Cia de

Dança Ewá Dandaras e dos Grupos de Capoeira, a Roda de Lembranças, as atividades da Semana da Consciência Negra, o Festival Municipal de Artes Negras, dentre outros eventos que buscar dar visibilidade ao espaço.

Compreendo que, devido às inúmeras atividades realizadas no Museu, cada vez mais pessoas o frequentam. O Museu é aberto a todos os interessados e a sua manutenção depende da colaboração dessas pessoas.

Ao concluir este estudo, fazem-se necessários alguns apontamentos, principalmente no sentido de dar conta do problema de pesquisa. A partir dos dados obtidos e de sua análise, concluo que o Museu Treze de Maio é um agente mobilizador dos processos de identificação étnica na cidade e que essa constatação se reforça pela fala dos entrevistados.

O Museu Treze de Maio é também um espaço de memória, identidade e sociabilidade negra, mas, mais do que isso, um local que possui diversas atividades de rememoração e valorização da memória, de construção e valorização da identidade, sendo um importante local de sociabilidade de negros e não negros na cidade.

O Museu, durante seus quase 13 anos de existência, tem propiciado a várias pessoas realizarem suas pesquisas e estágios e a participarem das atividades ali desenvolvidas. Acredito que o principal motivo do sucesso dessa iniciativa de transformar o espaço em um Museu deve-se ao fato de as pessoas se sentirem bem ao frequentá-lo e de retornar inúmeras vezes.

Dentre os diversos eventos realizados no espaço do Museu optei por efetuar um estudo de maneira aprofundada sobre a Roda de Lembranças, que é um evento realizado quase todos os anos durante a programação da Semana da Consciência Negra do Museu Treze de Maio. A Roda é, em minha opinião, o evento mais importante no que diz respeito à valorização da memória dos antigos frequentadores da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. Participar de sua organização foi um privilégio e reforçou ainda mais conclusões acerca da importância do Museu na atualidade.

Ressalto que a criação do Museu não foi um processo fácil, tendo sido necessários empenho, luta e perseverança por parte dos idealizadores. Houve resistência de várias pessoas, que não acreditavam que a iniciativa pudesse dar resultados efetivos.

O Museu passou por várias transformações no espaço físico desde a sua criação. Ele possui um projeto arquitetônico que ainda não foi executado, de modo que as instalações estão melhores, mas ainda muito distantes daquilo que o Museu e as pessoas que o frequentam merecem.

Considero um privilégio ter tido a possibilidade de conhecer o Museu Treze de Maio e de tê-lo como objeto de estudo. Espero que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, para dar ainda mais visibilidade a ele e que, cada vez mais, pessoas se interessem em conhecer uma parte tão importante da história e da vida dos negros de Santa Maria/RS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização.**

Mana, vol.7 n. 2 Rio de Janeiro Oct. 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade.** Campinas: Papyrus, 1994.

BARCELLOS, Daysi Macedo de. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre.** Rio de Janeiro, 1996. (Tese de doutorado disponível em http://www.ufrgs.br/naci/documentos/Barcellos_Deisy_Familia_e_Ascensao_Social_de_Negros_em_Porto_Alegre.pdf)

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras.** IN P. Poutignat e Jocelyne Streiffe-Fenart. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP. 1998.

BONI, Valdete; Quaresma, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, v.39, n.1, p. 13- 37, 1998.

CARDOSO, Trícia Andrade. **Relembrando os trilhos: uma etnografia entre (e com) aposentados ferroviários em Santa Maria-RS**. Artigo Final de Graduação. UFSM, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”**. In: Nunes, Edson. A aventura sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. Ed. Selo Negro. 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos teóricos**: Revista Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp. 100-122.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Dissertação de mestrado, UFSM, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Museu Treze de Maio e as políticas públicas a favor da preservação da memória e salvaguarda dos clubes sociais negros do Brasil**.

In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010.

FABIAN, Johannes. **A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação.** *Mana* [online]. 2006, vol.12, n.2, pp. 503-520.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, Lania Stefanoni. **Racismo camuflado na “família ferroviária”:
brancos e negros na companhia Paulista em São Carlos.** XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro- descendente: identidade em construção.** São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FLORES, João Rodolpho Amaral. **Fragmentos da história ferroviária brasileira.** Santa Maria: Palotti, 2007. (Estudos Ferroviários 1).

FLORES, João Rodolpho. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.** Santa Maria: Palotti, 2008. (Estudos Ferroviários 2).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. **O Saber local.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Parte II.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro- o Renascença Clube.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Gênero, raça e projetos em um clube de negros no Rio de Janeiro.** Congresso da LASA, Rio de Janeiro, Brasil, Junho de 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Trabalho apresentado no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, Identidade, Diferença e Mediações. Florianópolis, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vertice, 1990.

HINE, Christine. Editorial. **Etnografía virtual.** Editorial UOC: tradução para o espanhol por Cristian P. Hormazábal, 2004. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad.

LAMEIRA, Leonardo Verônimo. **Museu Treze de Maio: espaço de preservação e difusão da cultura afro-brasileira.** TFG, UFSM, 2006.

LORD, Lucio. **Nascidos na beira dos trilhos: um estudo antropológico na vila dos ferroviários, Porto Alegre.** Revista eletrônica Iluminuras, Porto Alegre, vol.3, n.5, 2002.

MACEDO, João Heitor Silva. **O negro e a ferrovia no interior do Rio Grande do Sul: a Sociedade Treze de Maio como fator de identidade da cultura negra em Santa Maria no início do século XX.** In: Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação/ Julio Quevedo, Maria Rita Py Dutra, organizadores. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2012.

MAGNANI, J. G. **“O (velho e bom) caderno de campo”** In Revista Sexta-feira. n. 1, maio de 1997, São Paulo.

MAGNANI, J. G. **A etnografia como prática e experiência.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução –Tema, Método e Objetivo desta Pesquisa”. **In Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: abril, 1984.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** In: Mauss, M. Sociologia e Antropologia. SP, Cosac Naif, 2003.

MELO, Ana Lúcia Aguiar. **Ações afirmativas na Universidade Federal de Santa Maria.** In: Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação/ Julio Quevedo, Maria Rita Py Dutra, organizadores. Porto Alegre: Martins Livreiro editora, 2012.

MILLS, C. Wright. **A elite do poder.** Rio de Janeiro: Zahar. 1962.

MONTEIRO, Claudia. **“Fora dos trilhos”:**as experiências da militância comunista na rede de viação Paraná– Santa Catarina. Porto alegre. 2007.

NASSAR, Carmen Deleacil e MESSIAS, Marta Íris Camargo. **O Lugar do NEAB-UFSM na trilha das ações afirmativas.** In: Nas trilhas da negritude: consciência e

afirmação/ Julio Quevedo, Maria Rita Py Dutra, organizadores. Porto Alegre: Martins Livreiro editora, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil.** Anais do XXXI. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em São Paulo em Ago.1954 v.1.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORTNER, Sherry B. Miriam Pillou Grossi (org.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas.** ABA, Blumenau, Nova Letras, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

POSSAMAI, Zita Rosane. **As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças de museu.** MOUSEION, vol. 4, n. 7, Jan-Jun/2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Museu na cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento?** Museologia e Patrimônio- v. 3, n. 2, Jul/Dez de 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado na cidade de Porto Alegre.** Porto alegre: EST Edições, 2001.

RODRIGUES, Luiz Carlos Bonotto. **Santa Maria nos trilhos da modernidade: uma experiência ferroviária (1885-1931).** Dissertação de mestrado. UFSM/ RS, 2003.

SANTOS, Miriam de Oliveira. ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Especificidades da identidade de descendentes de italianos no Sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria.** Antropolítica. Niterói, n. 27, p. 21-41, 2. sem. 2009.

SEYFERTH, Giralda. A noção de raça no Brasil: ambigüidade e preceitos classificatórios. In: **Por que “raça”? : breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na Antropologia.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

SILVA, Eveline Pena da. **Cia de Dança Afro Euwá- Dandaras: um estudo sobre a (re)significação identitária e étnica em jovens negras na cidade de Santa Maria/RS.** Santa Maria, 2014. (Dissertação de mestrado UFSM)

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

TURNER, Victor W. **O processo ritual.** Petrópolis: Ed.Vozes,1974.p.116-159.

WEBER, Lucinéia Inês. **Memórias de um clube social negro: Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFSM, 2011.

WEBER, Lucinéia Inês. **O Museu Treze de Maio e o Movimento Negro em Santa Maria/RS.** Artigo final de especialização, UFSM, 2014.

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** Vol.1. 3 ed. Brasília: Edunb, 1994.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

Anexo

Roteiro de questionário para entrevistas da pesquisa de mestrado em Ciências Sociais -UFSM- intitulada “Museu Treze de Maio: um espaço de Memória e Identidade Negra em Santa Maria/RS”.

Acadêmica: Lucinéia Inês Weber.

Caro entrevistado (a)! Sua participação é muito importante para o desenvolvimento deste trabalho. Sinta-se à vontade para responder este questionário, você pode optar em não responder alguma questão caso não se sinta confortável.

1. Nome:

(OBS: Apenas para nomear a entrevista, seu nome será citado no trabalho final somente se você desejar).

2. Idade:

3. Sexo:

4. Escolaridade:

5. Religião:

6. Estado civil:

7. Profissão/ocupação:

Relação com a ferrovia

8. Possui familiares que trabalharam na ferrovia? Quem (grau de parentesco)?

Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio

9. Participou de alguma atividade desenvolvida por esta Sociedade (o “Treze”)? Qual?

11. Como foi o seu contato com essa Sociedade?

12. Em sua opinião, qual foi a importância dessa Sociedade para a época?

□ **Museu Treze de Maio- MTM**

13. Há quanto tempo você tem contato com o MTM?

14. Atualmente, participa de alguma atividade realizada pelo Museu Treze de Maio? Qual?

15. O que lhe levou a frequentar o MTM?

16. Possui familiares que também frequentam o Museu?

17. Você acredita que o MTM tem alguma relação com a memória dos negros em Santa Maria? Por quê?

18. Você considera o MTM como sendo um lugar de sociabilidade na cidade? Por quê?

19. Para você, o MTM tem alguma relação com a identidade negra?

20. Você participa, de alguma forma, do movimento negro na cidade de Santa Maria? Como?

21. Em sua opinião, qual a relação do MTM com o movimento negro na cidade?

22. A criação do MTM, em sua opinião, foi algo importante? Por quê?

23. O que o MTM representa pra você?

* Se houver algum fato que você gostaria de narrar, que julgue contribuir ou ser interessante para a pesquisa, sinta-se a vontade para falar.

* A princípio, seu nome não será citado no trabalho final, a menos que você faça questão. Serão usados pseudônimos (falso nome), caso você queira escolher o seu para poder se identificar no trabalho, o escreva aqui: _____

* Coloque seu e-mail para continuarmos mantendo contato:

Obrigada pela sua colaboração!

